



Universidade de Aveiro  
2021

**CARLOS MANUEL  
PADINHA BRITO  
MONTEIRO PINTO**

**Jovens NEET, Características, Indicadores de risco  
e apoio à decisão política.**



Universidade de Aveiro  
2021

**CARLOS MANUEL  
PADINHA BRITO  
MONTEIRO PINTO**

**Jovens NEET, Características, Indicadores de risco e  
apoio à decisão política.**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Economia, realizada sob a orientação científica da Doutora Marta Ferreira Dias, Professora auxiliar do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro.



## **O júri**

Presidente

**Prof. Doutora Mara Teresa da Silva Madaleno**

Professora Auxiliar, do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro

Vogais

**Prof. Doutora Lara Patrício de Moura Tavares**

Professora Auxiliar, Universidade de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

**Prof. Doutora Marta Alexandra da Costa Ferreira Dias**

Professora Auxiliar, do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro

## **Agradecimentos**

A concretização deste trabalho contou com o apoio de várias pessoas que me ajudaram a realizar esta etapa da minha formação. A todas elas o meu sincero obrigado.

À Minha Família e Amigos, em especial à minha mãe e ao meu pai, irmã e aos meus avós. Agradeço o apoio e a infinita paciência com que encararam esta minha vida académica. Obrigado por acreditarem, pelas palavras de motivação e estímulo nas alturas de desânimo. Espero que esta etapa que agora termino possa, de alguma forma, retribuir e compensar todo o carinho, apoio e dedicação que me ofereceram e continuam a oferecer.

Às Professoras, Doutora Marta Ferreira Dias e Doutora Marlene Amorim, orientadora e coorientadora desta dissertação, agradeço a partilha de conhecimentos, o apoio, as opiniões e críticas, mas acima de tudo, agradeço o facto de não terem desistido. A disponibilidade manifestada e a confiança depositada foram determinantes na elaboração desta dissertação.

A todos os inquiridos, pelo tempo disponibilizado e atenção demonstrada.

A todos aqueles que depositaram confiança em mim, resta-me não vos desiludir. Muito obrigado.

**Palavras-chave**

NEET, inquérito, emprego, desemprego jovem, formação e educação, indicadores de risco.

**Resumo**

O fenómeno NEET- “Not in Employment, Education or Training”, jovens que não estudam, não trabalham e não frequentam qualquer formação, constitui um problema social comum na Europa. A perda económica resultante deste afastamento é estimada, pela Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho em 153 mil milhões de euros por ano, 1,2% do PIB da União Europeia. Neste trabalho apresenta-se uma análise crítica do conceito NEET e a sua dimensão europeia.

Em Portugal os “Nem-Nem” cresceram de forma significativa desde 2008, atingindo um valor recorde em 2012 com 434 mil jovens inativos, colocando Portugal entre os 10 países da OCDE com maior percentagem de NEET. No entanto, a partir de 2013 esta taxa teve um decréscimo atingindo na atualidade, níveis mais baixos do que a média europeia (12,5%). Contudo, as estatísticas demonstram que o problema cresceu nos últimos anos entre os que têm formação superior, o que revela um problema estrutural que dificulta a transição para o mercado de trabalho, mesmo entre os mais qualificados.

Com este trabalho procura-se propor um indicador de risco de ser NEET, perceber se os indivíduos da amostra têm uma maior probabilidade de ser classificados como NEET e igualmente analisar se os indicadores apresentados influenciam a transição para o mercado de trabalho ou a continuidade no sistema de ensino. Desta forma, a hipótese que norteia este estudo é a seguinte: Que jovens apresentam maior risco de se tornar NEET?

A dissertação é composta por uma vasta bibliografia sobre os mais variados temas contextualizados na temática. Foram elaboradas e analisadas as respostas a um questionário que visa confirmar ou refutar a relação entre o índice de risco proposto e a probabilidade de um jovem se tornar NEET.

**Keywords**

NEET, survey, employment, youth unemployment, training and education, risk indicators.

**Abstract**

The NEET phenomenon - "Not in Employment, Education or Training", young people not in education, employment, or training - is a common social problem in Europe. The economic loss resulting from this alienation is estimated by the European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions at 153 billion euros per year, 1.2% of the European Union's GDP. This paper presents a critical analysis of the concept of NEET and its European dimension. In Portugal the "Nem-Nem" have grown significantly since 2008, reaching a record figure in 2012 with 434,000 inactive young people, placing Portugal among the 10 OECD countries with the highest percentage of NEETs. However, from 2013 this rate had a decrease reaching today, lower levels than the European average (12.5%). However, statistics show that the problem has grown in recent years among those with higher education, which reveals a structural problem that hinders the transition to the labour market, even among the most qualified.

The aim of this dissertation is to propose an indicator of risk of being NEET, to understand if the individuals in the sample have a greater probability of being classified as NEET and also to analyse if the indicators presented influence the transition to the labour market or continuity in the education system. Thus, the hypothesis guiding this study is the following: Which young people present a higher risk of becoming NEET?

The dissertation is composed of a vast bibliography on the most varied subjects contextualised in the theme. The answers to a questionnaire were elaborated and analysed in order to confirm or refute the relationship between the proposed risk index and the probability of a young person becoming NEET.

# Índice

<b>1. Capítulo 1 - Introdução</b> .....	6
1.1. NEET: Conceito.....	6
<b>2. Capítulo 2: Revisão da Literatura</b> .....	12
2.1. Determinantes e Fatores de risco.....	12
2.2. Contexto Europeu.....	15
2.3. Caracterização dos NEET em Portugal.....	21
2.5. Impactos.....	26
2.6. Custos.....	29
2.7. Medidas e políticas destinadas a Jovens NEET.....	31
<b>3. Capítulo 3: Dados e Metodologia</b> .....	37
3.1 Hipóteses de Investigação.....	37
3.2. Amostra.....	37
3.2 Processos e instrumento de recolha de dados: o questionário.....	38
3.3 Caracterização da Amostra.....	39
<b>4 Capítulo 4: Discussão de resultados</b> .....	43
<b>5. Capítulo 5: Índice de risco associado ao status NEET</b> .....	57
5.1. Proposta de um Índice de risco associado ao status NEET.....	57
5.1.1. Categoria Sociodemográfica.....	60
5.1.2. Categoria Emprego.....	63
5.1.3. Categoria Educação.....	64
5.1.4. Categoria Background Familiar.....	66
5.1.5. Categoria Outros Fatores.....	67
<b>6. Capítulo 6: Conclusões</b> .....	70
<b>Referências</b> .....	<b>72</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>78</b>

## Índice Figuras

Figura 1- Subgrupos da categoria NEET	10
Figura 2- Composição da população NEET com idades entre 15–24 anos, Estados-Membros (2013)	11
Figura 3- Características dos NEET na União Europeia	16
Figura 4- Jovens NEET (%) UE-28 Países	17
Figura 5- Jovens NEET, dos 15-29 anos (%) – Grupo 2	18
Figura 6- Jovens NEET (%) (UE, Bélgica, Chipre, Luxemburgo, Rep. Checa, Eslovénia) – Grupo 4	19
Figura 7- Jovens NEET (%) (UE, Irlanda, Lituânia, Letónia, Estónia, Espanha, Portugal) -Grupo 3	19
Figura 8- Jovens NEET (%) (UE, Alemanha, Áustria, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Suécia e Reino Unido) -Grupo 1	20
Figura 9- Composição do grupo NEET, Portugal, EU28 (2013)	22
Figura 10- Estrutura dos NEETs por género, Portugal, 15-29 anos (2013)	23
Figura 11- Risco de exclusão social entre os jovens, Portugal, EU28 (2013)	23
Figura 12- Taxa NEET por sexo e idade, evolução entre 2007 e 2016	24
Figura 13- Custo gerado pelos Jovens NEET, em 2011, UE	30
Figura 14- Idade dos Inquiridos	40
Figura 15- Área de Residência dos Inquiridos	40
Figura 16- Nascimentos em Portugal	41
Figura 17- Existência de algum tipo de incapacidade ou problema de saúde	41
Figura 18- Nível de Instrução	43
Figura 19- Formação Base	44
Figura 20- Idade com que os participantes terminaram o seu último nível de qualificação	44
Figura 21- Participação e tipologia de Estágios.45	
Figura 22- Grau de Intensidade da procura de Emprego	46
Figura 23- Principais métodos de procura por um emprego	47
Figura 24- Possíveis motivos da não procura de emprego	48
Figura 25- Estado Civil dos pais dos inquiridos	49
Figura 26- Situação de emigração dos pais dos inquiridos	49
Figura 27 - Grau de qualificação do agregado familiar	50
Figura 28- Rendimento mensal do agregado familiar	50
Figura 29- Situação de desemprego das pessoas do agregado familiar dos inquiridos	51
Figura 30- Expetativas do agregado familiar, relativos à educação e a arranjar um emprego	52
Figura 31- Competências adequadas para dar resposta às necessidades das empresas, de acordo com o nível de escolaridade dos inquiridos	53
Figura 32- Previsão do futuro dos inquiridos, no espaço de um ano, dadas as situações académicas, económicas e sociais.	54
Figura 33- Participação dos inquiridos em programas de voluntariado, organizações ambientais, clubes desportivos ou organizações culturais	55
Figura 34- Grau de intensidade do nível de confiança que os inquiridos possuem na sociedade envolvente	56
Figura 35. Cronograma explicativo da ponderação das categorias, subcategorias e questões do inquérito elaborado.	58
Figura 36. Subcategoria Género	60
Figura 37. Mapa de dispersão por género	61
Figura 38. Subcategoria Área de Residência	62
Figura 39. Subcategoria Idade	63
Figura 40. Subcategoria Níveis de Qualificação	64
Figura 41. Subcategoria Área de Formação	64
Figura 42. Subcategoria Rendimento dos Pais	65
Figura 43. Subcategoria formação académica do Pai e Mãe	66
Figura 44. Subcategoria de Confiança em si Próprio	67

## **Índice tabelas**

Tabela 1- Padrões de educação e emprego dos jovens da União Europeia, 2015 (%).....	15
Tabela 2- Características dos Portugueses com idades entre 15-29 anos, média EU, 2014.....	22
Tabela 3.- Situação do grupo de amigos dos inquiridos.....	54
Tabela 4- Situação do grupo de colegas de formação dos inquiridos.....	55
Tabela 5 Estatística Descritiva- Risco NEET de cada categoria na amostra (elaboração própria).....	59
Tabela 6 Índice de Risco de se tornar jovem NEET.....	59

## **Lista Acrónimos**

PIB – Produto Interno Bruto

CE – Comissão Europeia

EUROFOUND – European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions

INE – Instituto Nacional de Estatística

ISCED – International Standard Classification of Education

NEET – Not in Education, Employment or Training / Neither in Employment nor in Education or Training

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económicos

OIT – Organização Internacional do Trabalho PE – Parlamento Europeu

(PNI-GJ) - Plano Nacional de Implementação de uma Garantia Jovem

PNR – Plano Nacional de Reformas

PT – Portugal

UE – União Europeia

UK – Reino Unido

EU LFS - European Union Labour Force Survey

EU SILC - The European Union Statistics on Income and Living Conditions

IEFP-Instituto do Emprego e Formação Profissional

## 1. Capítulo 1 - Introdução

De todas as formas de medir o desempenho do mercado de trabalho dos jovens, a taxa de NEET, é uma das que reflete melhor a realidade nas economias de cada país, capturando tanto o risco de desemprego como o de inatividade deste escalão da população (Quintini and Martin ,2014). Para muitos jovens, a inatividade pode resultar da falta de encorajamento, mas também da marginalização, o que se pode refletir num acumular de múltiplas desvantagens como a falta de qualificação, problemas de saúde, pobreza e outras formas de exclusão social.

Por toda a Europa, existe atualmente uma preocupação política relativamente a este abandono da educação em tempo integral com a idade mínima de 15 anos e que passam um período substancial fora da educação, do emprego ou da formação (NEET).

Com este trabalho procura-se propor um indicador de risco de ser NEET, perceber se os indivíduos da amostra têm uma maior probabilidade de ser classificados como NEET e igualmente analisar se os indicadores apresentados influenciam a transição para o mercado de trabalho ou a continuidade no sistema de ensino. Desta forma, a hipótese que norteia este estudo é a seguinte: Que jovens apresentam maior risco de se tornar NEET?

Ao longo deste estudo, numa fase inicial, é explicada e exposta a definição do conceito “NEET”,

### 1.1. NEET: Conceito

“*Nem-Nem*” é a forma comum que apelida todos os jovens entre os 15 (princípio da idade ativa) e os 34 anos, que nem estudam, nem trabalham e nem se encontram em qualquer processo de formação profissional (Ferreira, 2018). Na verdade, esta designação assenta numa nomenclatura que traduz uma realidade reconhecida formalmente por indicadores económicos e sociais de organismos internacionais, tomando siglas diferentes que significam concretamente (em português) os jovens que não têm Nem Emprego, nem Educação, nem Formação, os NEEF (em inglês: NEET, em francês e espanhol NI-NI) (Ferreira, 2018).

Nesta última década, organizações internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a Comissão Europeia (CE) e a Organização Internacional do trabalho (OIT) estabeleceram a sua própria definição de NEET, de modo a padronizar o conceito. O termo NEET foi introduzido como indicador estatístico do desemprego e da situação social dos jovens, no quadro da Estratégia de Crescimento Europa 2020, paralelamente à taxa de desemprego juvenil e à taxa de desemprego, passando a taxa NEET a definir a relação entre a população de jovens de um determinado grupo etário que não está a trabalhar, nem inserido no sistema educativo/ formativo e a população total de jovens do mesmo grupo etário (Alcoforado et al., 2018).

Se repararmos no que distingue a taxa de desemprego da população jovem e a taxa NEET, fica claro que, enquanto a primeira diz respeito à relação entre a população desempregada e a

população ativa nos jovens, a taxa NEET dá-nos a possibilidade de definir a relação entre a população não empregada (desempregada ou inativa), a que não está a estudar (ou em formação) e a população total jovem.

A dimensão desta problemática tem vindo a aumentar, pois se, por um lado, podemos encontrar jovens que optam por esta condição e permanecem fora do mercado de trabalho e do sistema de ensino ou formação por opção, por outro lado, encontramos aqueles que de forma involuntária, e contra a sua vontade, se veem incluídos nesta categoria, representando uma exclusão social. Neste grupo de jovens, podemos encontrar os NEET desempregados (aqueles que se mantêm à procura de emprego) e NEET inativos (aqueles que não estão a trabalhar, nem a estudar ou em formação, nem ativamente a procurar emprego), sendo que estes últimos não estão necessariamente inscritos nos serviços públicos de emprego, o que pode dificultar a sua identificação.

Dos estudos que têm vindo a ser concretizados relativamente às trajetórias entre a escola e o mercado de trabalho têm resultado preocupações acrescidas, pois a situação de NEET não se revela, maioritariamente, um mero estado temporário, uma vez que alguns jovens permanecem nesta condição por longos períodos temporais (CARCILLO, et al, 2015).

De modo a responder à clara heterogeneidade existente e para poder alcançar uma melhor compreensão do grupo de NEET, a European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions (EUROFOUND) propôs a delimitação de cinco categorias:

- **Os desempregados convencionais:** este grupo é provavelmente o maior e inclui desempregados de longa e curta duração.
- **Os indisponíveis:** inclui cuidadores, indivíduos com responsabilidades familiares e jovens doentes ou com deficiência.
- **Os descomprometidos:** inclui indivíduos que não procuram educação ou emprego e que não são impedidos de fazê-lo por obrigação ou incapacidade. Este grupo inclui subgrupos diversos, como trabalhadores desencorajados e jovens que buscam estilos de vida perigosos ou antissociais.
- **Os que procuram oportunidades:** inclui indivíduos que procuram ativamente trabalho ou formação, mas estão propositadamente á espera de oportunidades que se adaptem às suas habilidades ou aspirações de longo prazo tal como jovens empreendedores ou os que procuram empregos de acordo com a sua respetiva formação.
- **Os NEETs voluntários:** inclui indivíduos que estão a viajar e aqueles que estão ativamente envolvidos em atividades não formais como arte, música e aprendizagem autodirigida.

Cada uma destas subcategorias apresenta diferentes características sociodemográficas, destacando-se importantes fatores que explicam os padrões de vulnerabilidade: tais como os níveis de qualificação, o orçamento familiar, a situação de imigração, a saúde, entre outros. Neste sentido, o EUROFOUND (2012) concluiu que duas grandes subcategorias de NEET surgem com características e fatores de risco muito diferentes:

**A. NEET vulneráveis** - em risco de marginalização, que muitas vezes carecem de apoio social, cultural e humano;

**B. NEET não vulneráveis** – com adequado suporte cultural, social e humano que, apesar de serem considerados NEET, correm poucos riscos de serem marginalizados.

Para além disso, as cinco subcategorias mencionados acima apresentam também diferenças relativamente ao tempo em que os indivíduos nessas subcategorias permanecerão em estado NEET (EUROFOUND, 2012). Alguns indivíduos enfrentam fortes incentivos para ingressar no emprego ou na educação o mais rápido possível, enquanto outros podem optar por não se envolver em qualquer educação formal ou emprego por longos períodos. Para complicar a questão, a literatura não fornece uma diretriz totalmente unificada sobre a definição de NEETs, variando esta também geograficamente. Para além disso, não é consensual nem durante quanto tempo as pessoas são consideradas NEETs, nem mesmo a real faixa etária que constitui os NEETs.

No Reino Unido, onde o termo parece ter origem, foi criada esta definição para se referir a jovens entre os 16 e os 18 anos que não estudavam, trabalhavam ou estavam em qualquer tipo de formação (Spielhofer, et al. 2009). Com efeito, esta definição foi criada com o objetivo de os decisores políticos delimitarem o grupo de cidadãos que não tendo acesso a qualquer apoio do governo do Reino Unido, precisavam de alternativas.

Esta definição evoluiu com o tempo e tornou-se popular em todo o mundo no final da década de 1990. No Japão, o termo é frequentemente aplicado a indivíduos entre 15 e 34 anos que não estão empregados, que não estão envolvidos na educação e que não realizam qualquer tipo de tarefas domésticas. O termo é aplicado a uma faixa etária mais ampla devido ao fato de as tradições culturais e institucionais no Japão poderem fazer com que os indivíduos se desvinculem da educação e do trabalho apenas na casa dos 30 anos (Genda, 2007). Em toda a Europa, o termo geralmente é aplicado a jovens com idades entre 15 e 24 anos.

O foco principal da preocupação com este grupo etário vem do facto de este ser particularmente vulnerável a mudanças adversas no ambiente económico (European Foundation 2012). Durante a crise financeira global, a desaceleração substancial de várias economias tornou particularmente importante medir o tamanho e a composição dos NEETs, a fim de desenvolver formas eficazes de aumentar o envolvimento desse grupo na educação formal e/ou promover a sua integração no mercado de trabalho.

O conceito de NEET tem sido útil para que os decisores políticos abordem as disjunções entre os jovens e o mercado de trabalho, de forma mais informada. Embora a dicotomia tradicional do mercado de trabalho, de empregado ou desempregado seja válida, ela falha em capturar estas transições mais recentes da escola para o trabalho e os conjuntos de jovens que, estando fora do mercado de trabalho, não formam capital humano e, conseqüentemente podem-se tornar mais vulneráveis a oscilações da atividade económica e à exclusão social.

Em 2019, na Europa cerca de 3.3 milhões de jovens entre os 15 e 24 anos estavam desempregados. Este é apenas um subgrupo da categoria mais ampla de NEET, que compreende 5,4 milhões de jovens. Isto significa que, se o conceito de NEET não fosse usado, perto de 2 milhões de jovens não teriam tido a atenção do ponto de vista de política económica e social, possivelmente. O conhecimento perfeito do alvo da política económica é essencial para a sua eficácia. Assim, o conceito de NEET, colocou populações anteriormente marginalizadas, como mães jovens, jovens com deficiência e jovens que abandonaram o mercado de trabalho, de volta ao debate político sobre o desemprego juvenil.

O conceito de NEET é uma categoria ampla que abrange uma população heterogénea. A divisão por subgrupos é essencial para uma melhor compreensão das suas diferentes características e necessidades e para a formulação de políticas eficazes na reintegração no mercado de trabalho ou na educação. A divisão em subgrupos permite igualmente identificar quem é mais vulnerável, nomeadamente à pobreza ou à exclusão social. Enquanto os indivíduos na categoria NEET muitas vezes experimentam várias desvantagens, incluindo baixo nível de educação, pobreza e origens familiares difíceis, a população de NEETs é composta por jovens vulneráveis e não vulneráveis que têm em comum o facto de não representarem capital humano por meio de canais formais. O Eurofound identificou sete grupos dentro da categoria de NEET (com idades entre 15–24) e, usando dados EU-LFS, calculou a dimensão de cada um desses grupos. Esses grupos são descritos na Figura 1:

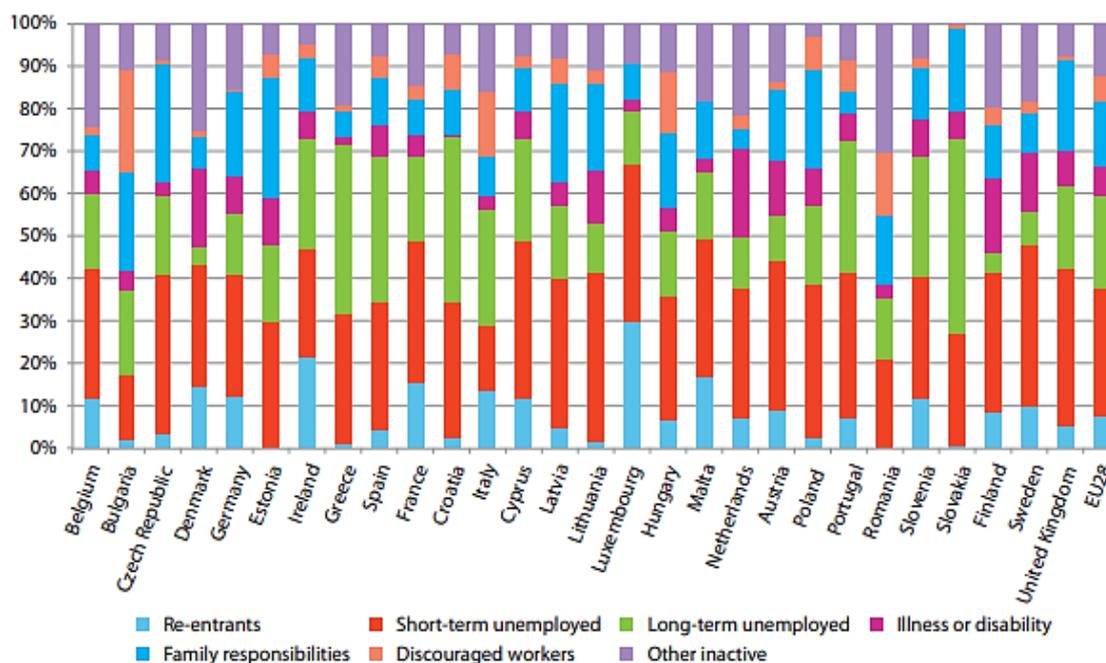
**Figura 1- Subgrupos da categoria NEET**



**Fonte: Elaboração Própria, Eurofound (2016)**

Em conjunto, os dados relativos aos trabalhadores desencorajados, aos desempregados de curta e longa duração e aos que regressaram ao emprego sugerem que cerca de 60% pertencem ao grupo dos NEET, devido a fatores relacionados com o mercado de trabalho. Os restantes 40% são NEET motivados por fatores mais relacionados com as suas circunstâncias sociais ou pessoais, como responsabilidades familiares, doença ou deficiência. Esta repartição também destaca que, pelo menos um terço dos NEET, correm o risco de continuar a abandonar o emprego, se tivermos em conta apenas os desempregados de longa duração e os trabalhadores desencorajados. No entanto, essa estimativa é baixa porque o grau de vulnerabilidade dos jovens nas outras categorias não é tão conhecido. Além disso, a classificação aqui apresentada reflete a composição dos NEET a nível europeu. Contudo, as realidades dos Estados-Membros parecem diferir, não apenas em termos da dimensão da população NEET, mas também no que diz respeito à sua composição. Por exemplo, na Suécia, os desempregados de longa duração e os trabalhadores desencorajados representam apenas 10% dos NEET, enquanto na Itália representam 42% (Eurofound, 2016).

**Figura 2- Composição da população NEET com idades entre 15–24 anos, Estados-Membros (2013)**



Fonte: Dados do Eurostat, elaborado por Eurofound (2016)

A combinação entre fatores sociais, políticos e económicos têm dificultado o modo de transição para a idade adulta por parte dos jovens NEET. O prolongamento do período de dependência em relação à família, os percursos escolares mais extensos, o mercado de trabalho cada vez mais competitivo e, conseqüentemente, o adiamento do início da carreira profissional são alguns dos problemas que estes jovens enfrentam. É por isso urgente promover novos projetos sociais que simplifiquem o aparecimento destes desafios e estilos de vida alternativos na transição para a vida adulta. Finalizar os estudos, iniciar uma carreira, sair da casa dos pais, casar e a parentalidade, já não são marcos da entrada na vida adulta, mais concretamente, nos jovens sem formação nem educação e dependentes de redes de suporte (Arnett, 2000; Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009).

Furlong (2006) afirma que a heterogeneidade do grupo NEET, tanto para investigadores, como para decisores políticos, carece de uma forma de análise mais desagregada dos indicadores que constituem a definição de NEET de forma a poder antecipar a sua verificação no futuro e assim agir atempadamente, distinguindo as características e necessidades distintas dos vários subgrupos. Ao conseguir caracterizar, identificar e explicar os principais determinantes, será possível formular medidas de mitigação do fenómeno e apoio ao desenvolvimento de políticas que revertam esta problemática.

Esta dissertação divide-se em quatro capítulos – revisão de literatura; dados e metodologia; análise e discussão de resultados; e, por último, as principais conclusões que podemos retirar deste estudo e questões de investigação futuras. É composta por uma vasta bibliografia sobre os mais variados temas contextualizados na temática, sendo ainda apoiada num questionário que visa confirmar ou refutar a relação entre o índice de risco proposto e a probabilidade de um jovem se tornar NEET.



## **2. Capítulo 2: Revisão da Literatura**

### **2.1. Determinantes e Fatores de risco**

Uma análise mais densa dos principais fatores de risco relativos à condição NEET aponta para um conjunto de indicadores, separados pelas diferentes dimensões, que sugerem quais são as características e circunstâncias que podem determinar a condição de NEET.

#### **Fatores Sociodemográficos**

O risco de um jovem se tornar NEET está fortemente relacionada com fatores de cariz pessoal. O género é um indicador potenciador deste status. Normalmente, um indivíduo do género feminino, quando em condição de gravidez precoce parece normalmente ter maior probabilidade de se tornar NEET (Bynner e Parsons 2002; Robson 2008).

Para além do género, o estado civil é também um indicador potenciador do status NEET. Na verdade, os modelos estimados que distinguem homens de mulheres destacam que viver com um parceiro aumenta significativamente a probabilidade de ser NEET para as mulheres; o oposto acontece com os homens (Quintano et al, 2018).

Relativamente à idade, a probabilidade de não ser NEET diminui com o aumento da mesma, confirmando que o fenómeno NEET envolve principalmente as classes de idade mais avançada (Genus et al, 2018).

Outro dos fatores evidenciados no âmbito desta problemática direciona-se para a imigração, constatando-se que os imigrantes ou descendentes de imigrantes têm maior probabilidade de se tornarem NEET (Eurofound, 2012). Igualmente um jovem que tenha deficiência ou um problema de saúde revela, igualmente, maior risco de se tornar NEET (40%) quando comparado com outros jovens (Eurofound, 2012). No domínio mais específico da saúde mental, um estudo levado a cabo na Cidade do México mostrou que os jovens NEET têm maior risco de sofrer de transtornos psiquiátricos, de consumir substâncias e de desenvolver comportamentos suicidas, quando comparados com adolescentes que estudam, exclusivamente. Contudo, e dando conta de uma das limitações deste estudo mencionado, não é possível estabelecer uma relação de causalidade ou direccionalidade, uma vez que os transtornos mencionados podem assumir duas interpretações: contribuir para a probabilidade de um jovem se tornar NEET ou constituírem uma consequência do status NEET (Benjet et al, 2012).

Pessoas que vivem em zonas periféricas ou em cidades pequenas são até 1,5 vezes mais propensas a ser NEET em comparação com aqueles que vivem em cidades médias ou grandes (Eurofound, 2012).

## **Educação**

No campo da educação, Yuji (2005) afirma que os jovens com formação superior correspondem aos considerados NEET desempregados (que procuram emprego) e os de baixa escolaridade, são os mais propensos à inatividade (não procuram emprego). De acordo com o Eurofound (2012), os níveis de qualificação constituem o principal fator de risco, acreditando-se, igualmente, que os jovens com baixos níveis de qualificação se encontram três vezes mais em risco de se tornar NEET, quando comparados com jovens detentores de um curso de ensino superior. De igual forma, dados da OCDE, afirmam também que o fator associado à escolaridade dos jovens é determinante, uma vez que em quase todos os países da OCDE, os jovens com baixas qualificações se encontram fortemente representados (36% de todos os NEET), enquanto os altamente qualificados representam apenas 15%.

Ainda no campo da educação, a área de estudo dos jovens também representa um fator de risco associado aos NEET. Para além disso, no que se refere à área de estudo, com exceção de ciências e serviços, o impacto positivo na probabilidade de não ser NEET é maior para os homens do que para as mulheres. Isso pode ser porque as mulheres têm em média um nível de qualificação superior aos homens, resultando na probabilidade de que na classe de 15 a 34 anos ainda estejam a estudar para obter graus mais elevados (Quintano et al., 2018).

## **Atitudes e comportamentos face ao Emprego**

Desde a crise económica de 2008 os jovens têm sido um dos grupos de pessoas mais vulneráveis a experienciar altos níveis de desemprego (Bell and Blanchflower, 2011; O'Reilly et al., 2015). Contudo, nem todos os jovens são igualmente vulneráveis, em termos de oportunidades de emprego. Indivíduos criados em situações de pobreza ou onde nenhum membro adulto do agregado familiar trabalha estão, geralmente mais propensos a sair mais cedo do sistema de ensino ou a tornarem-se desempregados (Macmillan, 2014; Schoon, 2014). Por outro lado, jovens com pais com alto nível de escolaridade costumam ser menos pressionados a encontrar um emprego porque o ensino superior costuma corresponder a um padrão de vida elevado, permitindo que os alunos continuem a estudar ou que esperem por um trabalho mais qualificado (Quintano, 2018). Outro indicador dentro do campo do emprego, que diferencia o jovem NEET desempregado, do jovem NEET inativo é o seu comportamento de procura ou não procura de emprego (Castellano, 2013). Provavelmente, o aumento da participação de jovens após a crise contribuiu para esses resultados. Ou seja, em 2015, quem procurava ativamente por trabalho era o jovem mais ativo e decidido.

Igualmente o género está relacionado com a procura de emprego. Ser homem aumenta a probabilidade de procurar um emprego (Quintano, 2018). Tal facto deve-se à maior propensão das mulheres de prolongarem os estudos, ao contrário dos homens.

## **Background Familiar**

A crescer às características individuais, certas influências inter-geracionais e antecedentes familiares apresentam, igualmente, um impacto significativo na probabilidade de um jovem se tornar NEET. O nível de rendimento, o nível de escolaridade e o tipo de emprego dos pais parecem ser determinantes. Os jovens com nível de rendimento familiar reduzido têm também maior probabilidade de se tornar NEET (Eurofound, 2012). De acordo com Yuji (2005), no Japão, um número significativo de NEET vem de famílias economicamente desfavorecidas, encontrando-se estes jovens mais propensos a condições de trabalho precárias e, conseqüentemente, a abandonar os seus postos de trabalho ou a serem dispensados.

Ter pais que experienciaram episódios de desemprego também parece aumentar a probabilidade de se tornar NEET em 17%; aqueles cujos pais apresentam baixos níveis de qualificação são 1,5 vezes mais propensos a ser NEET do que jovens cujos pais têm o nível secundário; os jovens cujos pais são divorciados apresentam maior tendência (30%) de se tornar NEET do que outros jovens (Eurofound, 2012).

Reiko (2006) identifica dois grandes problemas: o primeiro assenta na constatação de que uma vez que alguém se torna NEET, é extremamente difícil tornar-se num trabalhador estável com benefícios e perspectivas de emprego a longo prazo; o segundo diz respeito ao facto de muitos jovens NEET viverem com os pais, colocando problemas de dependência permanente.

O indicador da situação de imigração dos pais dos jovens NEET também apresenta alguma importância no que diz respeito à identificação de jovens nesta situação, visto que os NEETs entre 18 e 24 anos, apresentam maiores índices de origem imigrante comparando com jovens não-NEET (Vancea, 2018).

Por fim, outro indicador de risco relacionado com o historial familiar, referido noutros trabalhos, diz respeito às expectativas dos pais em relação à educação dos jovens. Vancea (2018) refere que as expectativas dos pais em relação à educação até a idade de 14 anos tendem a ser mais baixas para os NEET do que para os não-NEET.

## **Outros fatores mencionados na literatura**

Existem variados indicadores de categorias diferentes das acima referidas que também parecem ter influência nos NEET. Uma delas remete para a falta de confiança dos Jovens NEET ao nível dos seus conhecimentos e capacidades para o trabalho, ao sentirem que não possuem as competências adequadas para dar resposta às necessidades das empresas na sua transição para o mercado de trabalho, tal como refere Yuji (2005).

Entre os fatores que provavelmente contribuirão para que os jovens se tornem e permaneçam NEET, poder-se-á incluir um currículo escolar que não consegue envolver e motivar os jovens e também o diferente estatuto e reconhecimento atribuído às diferentes áreas científicas de

educação e formação, com uma tendência que se vem generalizando de encarar algumas delas como mais destinadas a alunos menos capacitados.

As atitudes negativas para com a escola, resultantes do desinteresse, a má relação com os professores, as culturas anti escolares e as ofertas educativas com pouco valor no mundo de trabalho também parecem contribuir para que os jovens se tornem NEET (Davies, 2005; Sachdev, Harries, e Roberts, 2006). Os mesmos autores sugerem um conjunto de fatores de risco que podem levar os jovens a desvincularem-se do sistema educativo/formativo, entre eles destacam-se: a fraca realização escolar, muitas vezes associada à aquisição de competências em matemática e aritmética; estruturas familiares desfavorecidas, resultantes de baixos rendimentos dos pais, agravadas por viver em bairros pobres e situações de desemprego; baixas expectativas, baseadas em padrões de emprego anteriores, pelo isolamento geográfico exacerbado por fracas ligações de transportes públicos e pela existência de uma forte convicção de serem discriminados pelos empregadores devido à área de residência; ter uma doença crónica, dificuldade de aprendizagem, deficiência ou necessidades educativas especiais; ser um cuidador; ter problemas de saúde mental; estar associado a trajetórias de abuso de drogas e álcool; integrar contextos com um mercado de trabalho local que proporciona perspetivas muito limitadas.

## 2.2. Contexto Europeu

Na União Europeia, de acordo com dados do Eurostat (2015), existem quase 90 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos, representando 17% da sua população. Estes jovens encontram-se em situações muito diferentes, com padrões de qualificação e emprego que variam consideravelmente entre os Estados-Membros e por faixa etária. O número total de NEET era de pouco menos de 14 milhões, o que equivalia a uma taxa NEET de 14,8% (EUROFOUND, 2016).

Apresenta-se na Tabela 1, segundo dados do Eurostat, a organização de diferentes grupos, considerando a relação dos jovens com a educação e o trabalho, distribuída por escalões etários.

**Tabela 1-Padrões de educação e emprego dos jovens da União Europeia, 2015 (%)**

	15 - 19 anos	20 - 24 anos	25 - 29 anos
<b>Só estudam</b>	78,5	33,0	8,2
<b>Estudam e Trabalham</b>	11,3	16,9	13,5
<b>Só trabalham</b>	3,7	32,6	58,5
<b>Não estudam nem trabalham</b>	6,3	17,3	19,7

Fonte: Eurostat, 2016

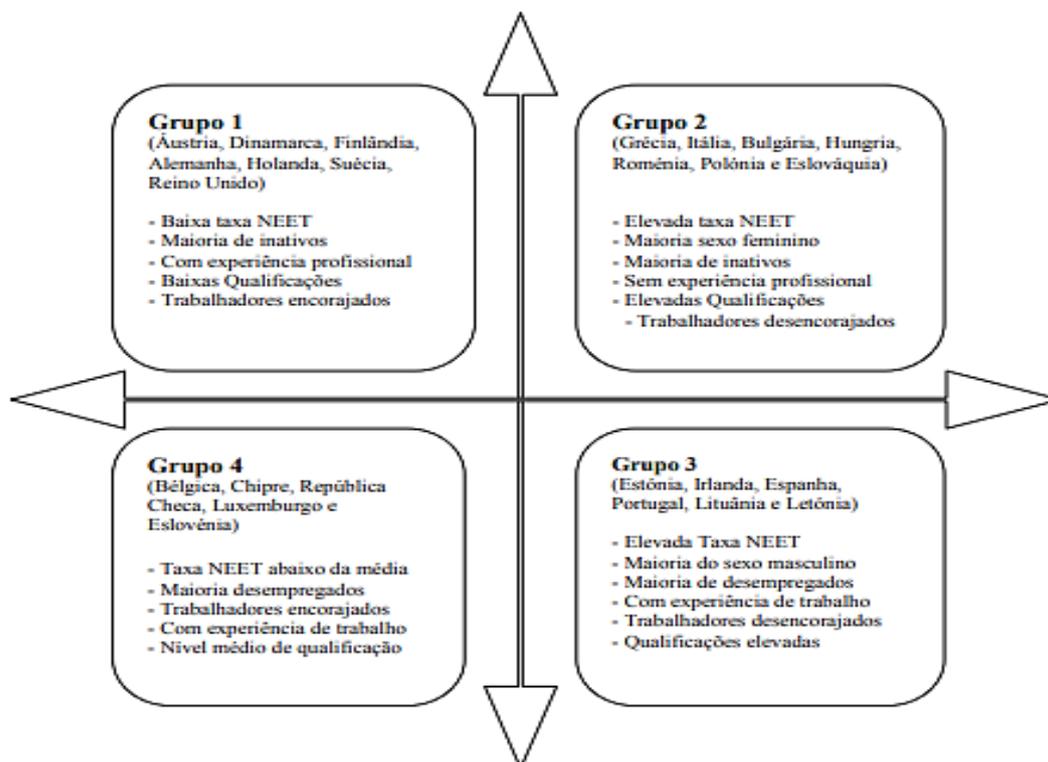
Como é natural, se na faixa etária de 15-19 anos a grande maioria dos jovens da UE estava inserida no sistema educativo, no escalão entre 25-29 anos, a maioria já se encontra no mercado de trabalho. Os jovens entre os 20 e os 24 anos de idade apresentam uma distribuição relativamente uniforme entre a educação e o emprego. Além disso, a proporção de jovens que não se encontra quer no emprego, quer na educação, ou formação, aumenta com a idade, especialmente se compararmos o primeiro com o segundo escalão etário.

Números divulgados pela OCDE vêm também comprovar a tendência descrita: a distribuição NEET por idades indica que os jovens entre os 25 e os 29 anos são os mais representados, sendo responsáveis por 45% dos NEET nos países da OCDE, enquanto os jovens entre os 16 e os 19 anos constituem somente 16% de todos os NEET (CARCILLO, 2015).

Ainda que a dimensão e características da população NEET variem fortemente entre os diferentes Estados-Membros da UE, torna-se, ainda assim, possível identificar alguns padrões comuns, permitindo agrupar os países e apontar algumas semelhanças ao fenómeno NEET em toda a Europa (EUROFOUND, 2012).

Uma análise estatística cuidada realizada pela Eurofound, permitiu organizar 4 clusters, integrando grupos de países com um certo grau de semelhança ao nível das características, experiência profissional, sexo, nível de qualificação, etc.

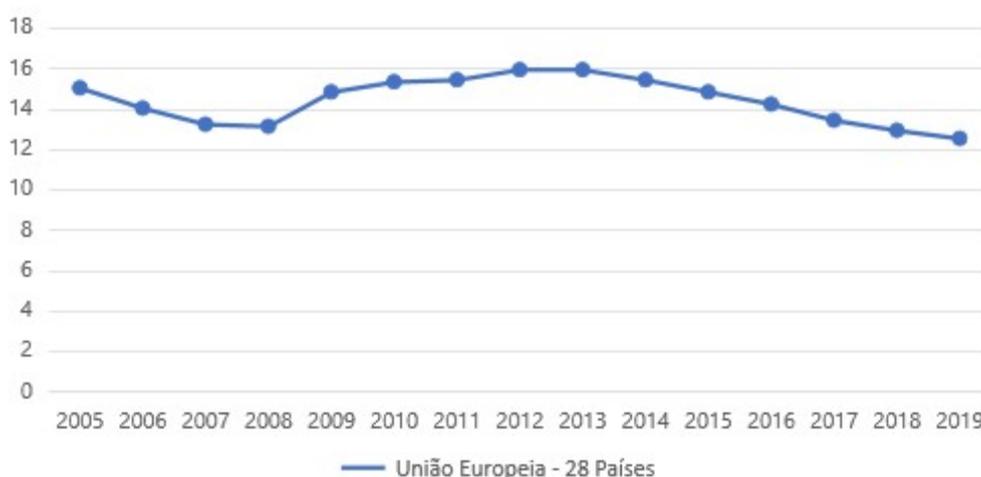
**Figura 3- Características dos NEET na União Europeia**



Fonte: EUROFOUND, 2012.

Em média, a taxa NEET mostrou padrões diferentes nos vários países da EU-28 durante os últimos anos; desceu de 15% em 2005 para 13,1% em 2008, antes de aumentar para 15,9% em 2012 devido à crise económica. Este aumento teve um impacto profundo nos mercados de trabalho europeus e também ao nível dos jovens.

**Figura 4-Jovens NEET (%) UE-28 Países**



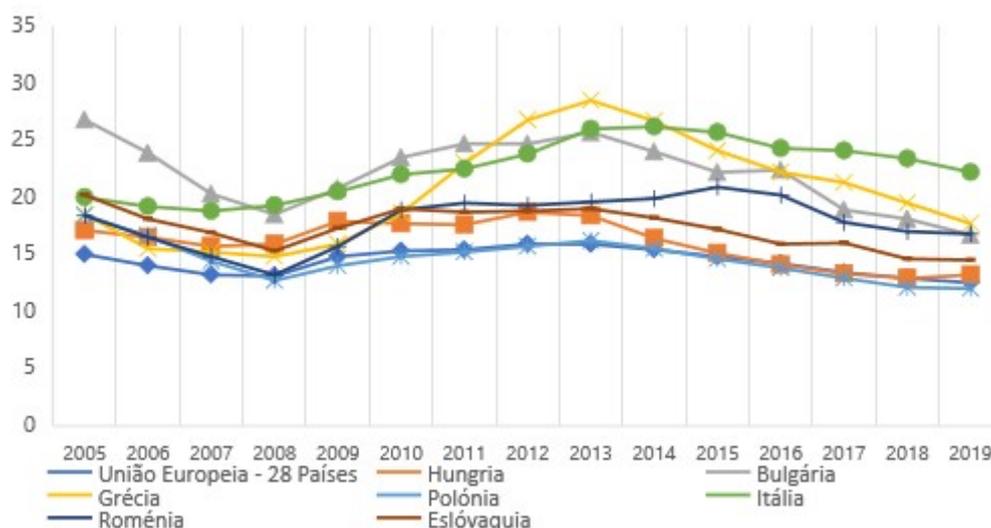
**Fonte: Eurostat, 2005-2019**

A taxa média NEET tem diminuído e evoluído positivamente desde o início da recuperação económica, com o nível registado em 2019 abaixo do nível de 2008 (13,1%). No entanto, as diferenças entre os estados-membros continuam significativas, salientando-se inclusive diferenças regionais dentro do mesmo país (Bruno et al., 2014).

Além disso, as taxas NEET parecem mostrar diferentes padrões de convergência nas regiões europeias. A **Figura 5** mostra as taxas regionais NEET de 2005 a 2019, sugerindo a presença de um dos quatro clusters diferentes.

Um primeiro agrupamento de regiões parece mostrar um aumento nas taxas NEET, partindo de níveis superiores à taxa média europeia (15 %). Este grupo é composto por regiões localizadas no Sul da Europa (Itália), Sudeste da Europa (Grécia, Bulgária e Roménia).

**Figura 5-Jovens NEET, dos 15-29 anos (%) – Grupo 2**

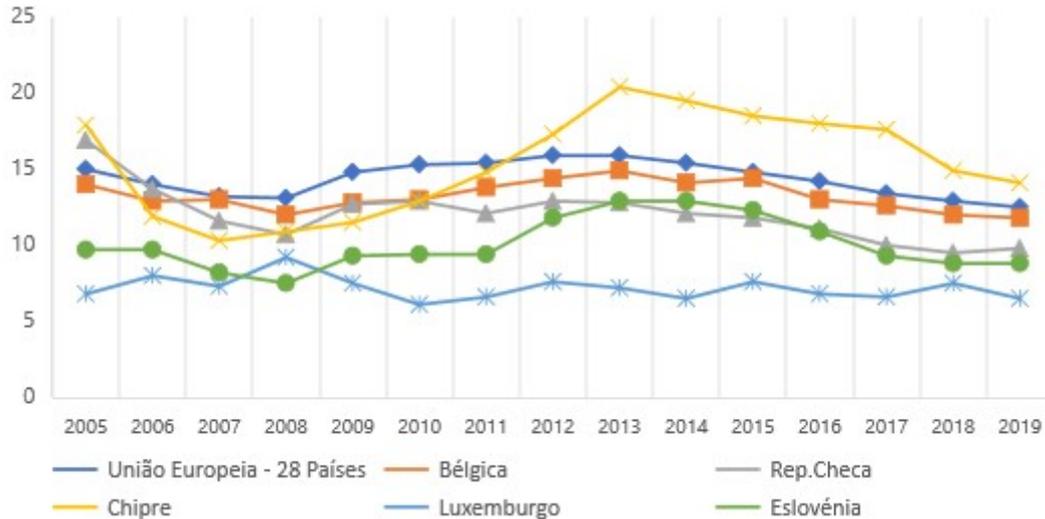


Fonte: Eurostat 2005-2019.

Este conjunto de países, à exceção da Polónia e a Hungria, nunca conseguiram atingir valores iguais ou inferiores á média europeia. A Grécia, um dos países mais afetados pela crise registou as taxas NEET mais elevadas do cluster, com 28,5% em 2013 começando de seguida uma descida para valores mais próximos da média europeia. No entanto, Itália é o país que atualmente possui as taxas mais elevadas de jovens dos 15-29 anos, que nem estudam, nem trabalham e nem se encontram em qualquer processo de formação profissional.

Na **Figura 6**, um segundo grupo de regiões também mostra um aumento na taxa NEET, mas começando de níveis relativamente mais baixos, excetuando o Chipre e a República Checa que em 2005 atingiam 17,9% e 16,9% respetivamente, e subindo para níveis próximos da média europeia (12,5 %). Essas regiões estão localizadas principalmente na Europa Central.

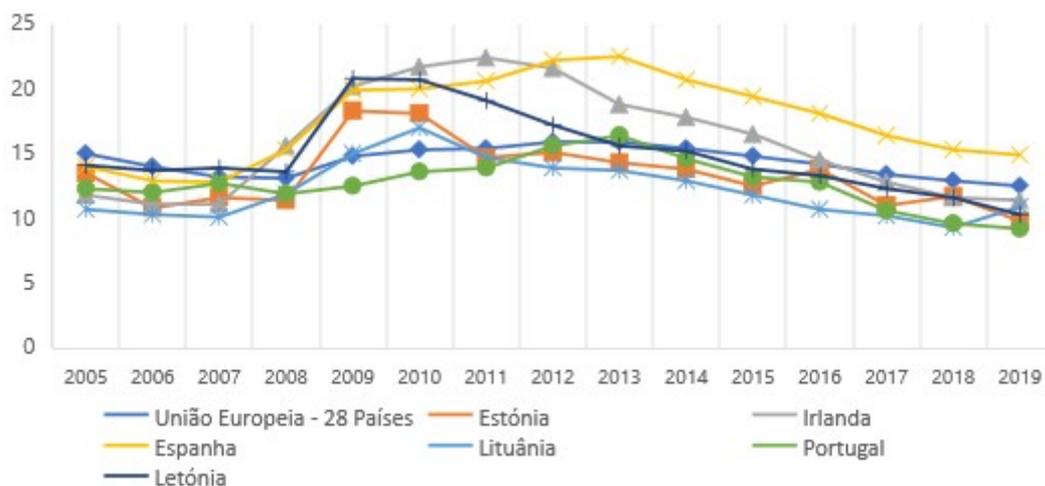
**Figura 6-Jovens NEET (%) (UE, Bélgica, Chipre, Luxemburgo, Rep. Checa, Eslovénia) – Grupo 4**



Fonte: Eurostat, 2005-2019

Um terceiro grupo, constituído maioritariamente por regiões do mediterrâneo (Portugal e Espanha), países do leste da Europa (Estónia, Letónia e Lituânia) e a Irlanda, apresentam uma subida clara das taxas NEET a partir do ano de 2008, atingindo o seu pico em 2013 com Espanha a registar a taxa NEET mais alta 22,5% (Figura 7). De 2013 até 2019 os países que compõem este cluster viram descer as taxas NEET, até se aproximarem dos valores médios da UE.

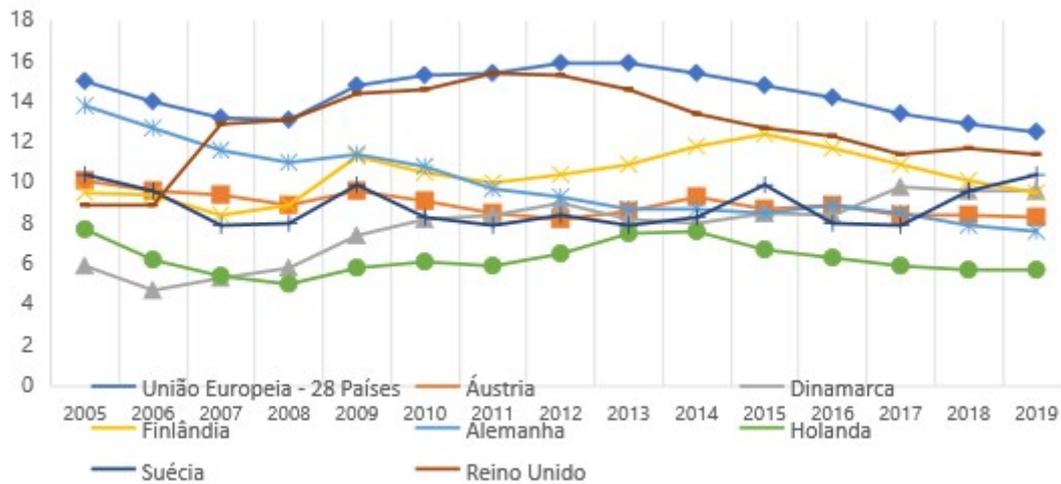
**Figura 7-Jovens NEET (%) (UE, Irlanda, Lituânia, Letónia, Estónia, Espanha, Portugal) - Grupo 3**



Fonte: Eurostat, 2005-2019

Por último, um grupo de regiões da Europa Ocidental e Central (Holanda, Alemanha e Áustria) mostra grande estabilidade e poucas variações nas taxas NEET, apresentando valores sempre inferiores à média da UE (**Figura 8**).

**Figura 8-Jovens NEET (%) (UE, Alemanha, Áustria, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Suécia e Reino Unido) -Grupo 1**



Fonte: Eurostat, 2005-2019

O aumento da instabilidade no mercado de trabalho e a flexibilização das relações laborais constituem hoje “dinâmicas de desigualdades” atuantes nos contextos da globalização e da sociedade do conhecimento, e que se intensificaram com crises e a austeridade. Na UE em 2015, comparando com o período anterior a 2007, verificou-se um aumento de empregos temporários, do emprego a tempo parcial involuntário, do desemprego e dos NEET. As relações entre as várias dimensões da precariedade e as desigualdades categoriais (de estado nacional, género e idade) e distributivas (de recursos educativos e económicos), permitem visualizar as fragilidades do contexto europeu. A precariedade é mais persistente em determinados estados e regiões europeias, assumindo igualmente determinadas regularidades transnacionais. Os países do sul da Europa foram particularmente afetados pela crise e austeridade de 2007, e tal refletiu-se na degradação dos seus mercados de trabalho e consequentemente no aumento das vulnerabilidades dos jovens europeus.

### **2.3. Caracterização dos NEET em Portugal**

A OCDE coloca Portugal como um dos países onde a crise económica e financeira de 2010 teve maior impacto sobre o setor da educação no acesso dos jovens ao mercado de trabalho, apresentando a décima taxa NEET mais elevada entre os países da OCDE e a quinta da Zona Euro (OCDE, 2014). Os dados divulgados no relatório *Society at a Glance 2014* (OCDE, 2014) revelam que os jovens NEET, entre os 15 e os 29 anos, representam quase 17% da população jovem Portuguesa. Portugal foi um dos países onde esta realidade mais se agravou nos últimos anos. Em menos de uma década, os jovens NEET aumentaram quase 4%.

Em 2005 os jovens que não estudavam nem trabalhavam, representavam 12,9% dos jovens entre os 15 e os 29 anos, e em 2012 esse número atingiu, 16,6% desta faixa etária, estando 11,8% desempregados e os restantes inativos.

Dados relativos a 2015 mostram que, em Portugal, a taxa NEET, nas mesmas faixas etárias mencionadas, encontra-se acima da média da OCDE. Em relação à distribuição por géneros indica que, o género feminino está sobre representado (16,9%), comparativamente ao masculino (13,8%), apresentando uma certa conformidade com o resultado padrão verificado na literatura. Vários trabalhos mencionados anteriormente, apontam, de forma consistente, para o facto de as taxas NEET diferirem consideravelmente de acordo com o género, sendo tipicamente mais elevadas para as mulheres do que para os homens.

Em 2014, a situação do mercado de trabalho dos jovens em Portugal caracteriza-se por um menor emprego (39%) e um maior desemprego juvenil (25,4%), enquanto a taxa NEET se mantém abaixo da média da UE (14,6%). A maior proporção de NEET em Portugal são os desempregados de longa duração (36,3%) e os desempregados de curta duração (31,4%) que, em conjunto, representam mais de 65% dos NEET em Portugal. Quase 60% de todos os NEETs em Portugal estavam registados no IEFP. Um pouco menos de um décimo dos NEETs recebem assistência financeira do Estado. A situação do mercado de trabalho dos jovens em Portugal, comparando com a média da UE revela algumas discrepâncias (Tabela 2).

A proporção de jovens entre 15 e 29 anos economicamente ativos na população portuguesa manteve-se em 16,7% em 2014 (em comparação com a média da UE de 20,2%). Além disso, também a taxa de atividade se mantém abaixo da média da UE com 52,3% em comparação com 56,4%. Da mesma forma, a taxa de emprego atinge apenas 39%, em comparação com 46,5% em toda a UE. Ainda que a taxa NEET se mantenha ligeiramente abaixo do valor médio da UE28 (15,3%), o desemprego juvenil é consideravelmente superior com 25,4% (em comparação com 17,5%). A escolaridade obrigatória a tempo inteiro termina aos 18 anos e aos 20 mais da metade dos jovens torna-se economicamente ativa.

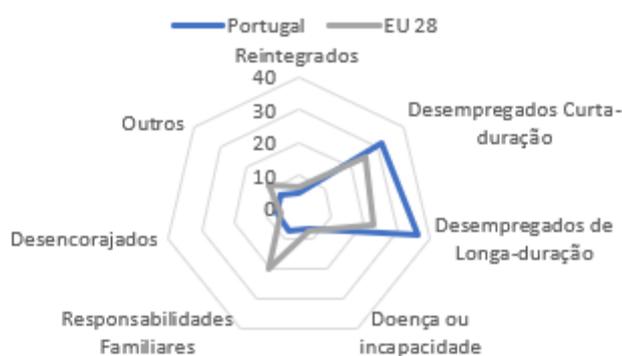
**Tabela 2- Características dos Portugueses com idades entre 15-29 anos, média EU, 2014**

Características	Portugal	UE28
Número total de Jovens (1,000)	1,672%	86,874%
Jovens entre os 15-29 anos que fazem parte da população ativa	16,7%	20,2%
Taxa de atividade	52,3%	56,4%
Taxa de emprego	39%	46,5%
Taxa NEET	14,6%	15,3%
Taxa de desemprego	25,4%	17,5%

Fonte: Eurostat, 2015

De acordo com o LFS (2013), se compararmos o grupo NEET em Portugal com as médias da EU, (**Figura 9**) a maior proporção de NEET's com 36,3% mais do que 10 p.p. acima da média da UE de 23,1% para os desempregados de longa duração. Este grupo é seguido pelos desempregados de curta duração com 31,4%, em comparação com a média da UE de 25,5%. Seguidamente, 7,2% dos jovens NEET pertencem a este grupo devido às responsabilidades familiares (em comparação com 20,3% registados na UE). Três grupos são de tamanho quase idêntico, nomeadamente o grupo de NEETs por doença ou deficiência com 6,8%, trabalhadores desencorajados com 6,8% e outros NEETs também com 6,8% (em comparação com as médias de 7,1%, 5,9% e 11,8%, respetivamente). Por fim, 4,9% dos NEETs pertencem ao grupo dos que regressam ao mercado de trabalho ou à educação (inferior à média da UE de 6,4%).

**Figura 9- Composição do grupo NEET, Portugal, EU28 (2013)**

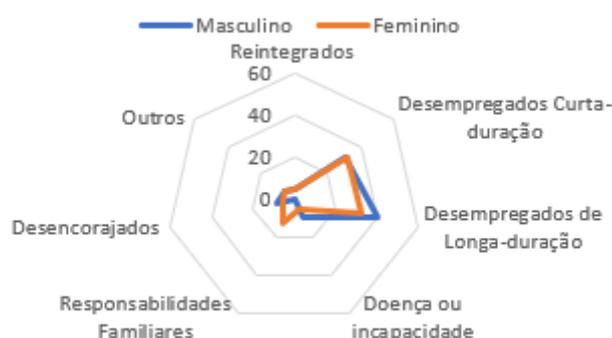


Fonte: Elaboração própria, LFS (2013)

Em Portugal, 51% dos NEETs eram mulheres. As proporções de género fornecem algumas conclusões interessantes sobre a composição do grupo NEET (**Figura 10**). Em Portugal, a maior proporção de mulheres NEETs encontra-se no grupo de NEETs desempregados de longa duração, com quase um terço (32,5%). Da mesma forma, um total de 40,2% de todos os NEET do sexo masculino pertencem aos desempregados de longa duração. Além disso, as proporções de

desempregados de curto prazo são semelhantes, com 30,9% dos NEET do sexo masculino e 31,7% dos NEET do sexo feminino pertencentes a este grupo. Uma proporção comparativamente baixa de mulheres são NEET devido às responsabilidades familiares (13%). A análise estatística avançada confirma que o género afeta o risco de pertencer ao grupo NEET (Eurofound, 2016). Além disso, os jovens, que frequentaram apenas o ensino primário correm maior risco de se tornarem NEET; o mesmo se aplica aos jovens que vivem em áreas rurais.

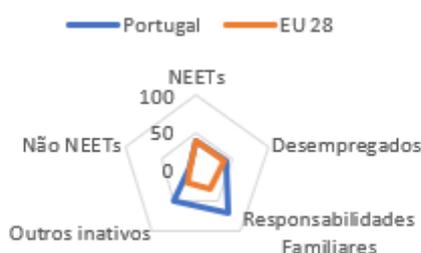
**Figura 10- Estrutura dos NEETs por género, Portugal, 15-29 anos (2013)**



Fonte: Elaboração Própria, LFS (2013)

A comparação do risco de exclusão social entre os jovens em Portugal com a média da UE revela algumas discrepâncias interessantes, como podemos ver na **Figura 11**. De um modo geral, o risco de exclusão social dos NEET é duas vezes e meia mais elevado do que para os seus homólogos não NEET (Eurostat, 2013). Em Portugal, a percentagem de jovens em risco de exclusão social é mais elevada entre os NEET devido às responsabilidades familiares, seguidos de outros NEET. Em 2013, 9,9% dos NEETs recebiam benefícios ou outras formas de assistência financeira.

**Figura 11- Risco de exclusão social entre os jovens, Portugal, EU28 (2013)**



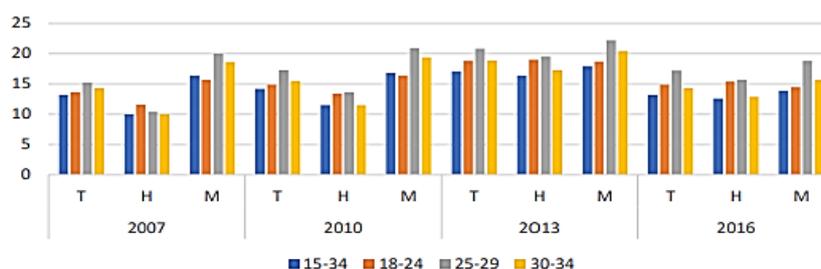
Fonte: EU- SILC, 2013

Dados mais recentes da OCDE mostram que a taxa NEET que era de 13,2% em 2007, atingiu 17,1% em 2013 e a partir desse ano, reduziu-se significativamente, atingindo em 2016 o mesmo valor de 2007.

No entanto, isso não significa que homens e mulheres tenham o mesmo comportamento. Na verdade, a taxa de mulheres em situação de NEET foi sempre maior do que a dos homens. Analisando o seu comportamento nos anos de 2007, 2013 e 2016, constatou-se que em 2016 foi menor para as mulheres do que em 2007, enquanto para os homens foi maior.

Considerando que a faixa etária 15-34 anos é muito extensa, se analisarmos (ver Figura 12) o comportamento dos intervalos 18-24 anos, 25-29 anos e 30-34 anos, pode-se constatar que em 2016 e nos anos anteriores, a faixa etária 25-29 anos apresenta a taxa de NEET mais elevada para homens (15,7%) e mulheres (18,8%).

**Figura 12-Taxa NEET por sexo e idade, evolução entre 2007 e 2016**



**Fonte: EUROSTAT, 2016**

Podemos observar que o género feminino é, por isso, o que requer maior atenção, principalmente na faixa etária de 25 a 29 anos.

No final de 2016, 58% dos NEET encontravam-se desempregados e 42% inativos (170,9 mil e 123,8 mil respetivamente). Isto corresponde a uma tendência que se verifica, com o aumento do peso dos inativos, que passou de 36,7% para 42%. O Eurofound (2016), analisou à semelhança dos restantes anos, que a faixa etária dos 25-29 anos apresenta as maiores taxas de NEET (10,7%) para a população desempregada, o mesmo para os inativos (6,5%).

Esse facto leva novamente a enfatizar a importância da faixa etária de 25 a 29 anos. A importância e o peso dos jovens desempregados na população NEET torna-se mais relevante se considerarmos que em 2016, 27,4 mil jovens se encontravam em desemprego de longa duração.

Um relatório mais recente, sobre a economia portuguesa, elaborado pela OCDE (2017) realça indicadores sobre a precaridade do trabalho dos jovens, constatando que no escalão de 15-24 anos a percentagem de trabalhadores temporários é superior a dois terços e no escalão 25-44 superior a um quinto. O mesmo relatório coloca, mais uma vez, entre as prioridades que Portugal deve

enfrentar, com caráter de urgência, a necessidade de, em simultâneo, combater o abandono escolar precoce e elevar decisivamente o nível de qualificações da população, em geral.

A população NEET geralmente tem baixo nível de educação. A taxa dos NEET é de 6% para os jovens com menos do que o ensino médio, enquanto para os jovens com níveis de escolaridade mais elevados a taxa do NEET é sempre inferior a 3%. No entanto, dois aspetos precisam ser destacados:

- A taxa NEET é de 2,7% para jovens com ISCED 3-4 Vocat (ensino profissional) e é superior à taxa NEET para jovens com ISCED 3-4 Gen (ensino geral) - 2,0%;
- A taxa NEET para jovens com nível de escolaridade 5-8 é de 2,6%, ou superior à taxa NEET para jovens com nível de educação 3-4.

Entre 2007 e 2016 foi observada uma redução na taxa de NEET para o número total de jovens entre 15 e 34 anos para jovens com menos de Ensino Superior, especialmente para jovens com nível de escolaridade inferior a taxa NEET de 3,3 pontos. Este comportamento da taxa NEET é válido para todas as faixas etárias, salientando-se que para a faixa etária dos 25-29 anos a taxa NEET aumenta para os jovens com nível ISCED superior a 0-2.

É habitual encontrar evidência de que a incidência de NEET na população urbana é diferente da rural. As zonas rurais não são homogêneas no território nacional e apresentam características diferentes consoante a área geográfica em que se inserem. Essas zonas integram populações com idade mais avançada, com níveis de educação mais baixos e com a atividade económica ainda centrada numa agricultura pouco avançada tecnologicamente.

A maioria dos estudos realizados geralmente concentra-se em grandes áreas metropolitanas, esquecendo que podem existir boas práticas em áreas não urbanas.

Ao analisar a taxa do NEET segundo a urbanidade, as grandes cidades em 2016 tiveram a taxa mais elevada (14,1%). No entanto, durante o período de crise as taxas mais elevadas foram nas pequenas cidades e subúrbios e áreas rurais (cerca de 17,7%) (Eurofound, 2016).

De acordo com a OCDE (2014), um dos principais fatores de risco para jovens NEET está relacionado com questões de saúde. Utilizando dois indicadores “Fracá Saúde” e “Limitações diárias devido à saúde” e considerando o rácio NEET / não NEET em 2014, os valores para Portugal foram os seguintes:

- Fraca Saúde - A saúde dos NEET é três vezes mais frágil do que a dos não NEET (Portugal é o 8º país da União Europeia com o rácio mais baixo);
- Limitações diárias devido à saúde-As limitações de saúde dos NEET são cerca de 2 vezes superiores às dos não NEET (Portugal é o 5º país da União Europeia com o rácio mais baixo).

Em Portugal, de acordo com a OCDE (Society at a Glance, 2016), 70,3% dos NEET com 16 e 29 anos vivem com os pais, 5,6% são casais sem filhos e 14,1% são casais com filhos. A percentagem

de coabitação NEET com os pais só é ultrapassada pela Itália e Grécia entre os países da UE. Por outro lado, Portugal é o estado-membro da UE que apresenta a menor percentagem de NEET a viver em casal com filhos.

Relativamente ao apoio social atribuído às famílias em que os NEET estão inseridos, apenas 8% recebem “Subsídio de Habitação” e 4% “Assistência Social”. Isso significa que 88% das famílias que integram o NEET não recebem qualquer subsídio ou ajuda estatal.

De acordo com os dados da OCDE (2016), o custo dos NEET é definido como o rendimento do trabalho bruto que o NEET poderia obter se estivesse empregado, medido como o custo do trabalho bruto (incluindo as contribuições para a segurança social).

De acordo com esta definição, em Portugal o custo dos NEET foi de 1,2% do PIB, ou seja, cerca de 2 mil milhões de euros. Portugal é um dos países da OCDE em que o rácio NEET e a situação em percentagem do PIB são mais preocupantes.

## **2.5. Impactos**

A literatura aborda diversas consequências negativas da permanência dos indivíduos na inatividade durante parte da sua juventude, seja devido a períodos de desemprego ou de total exclusão do sistema educacional e do mercado de trabalho. Podemos resumi-las em dois grupos: os efeitos económicos e os efeitos pessoais e sociais. Estando os primeiros relacionados com as perspetivas de rendimento e emprego no curto, médio e longo prazo e os últimos à redução da qualidade de vida, aumento de atividades criminosas, entre outros (Shirasu, 2020).

Em geral, os efeitos da condição NEET dos jovens são diversificados, complexos e persistentes, pois indicam que eles podem enfrentar várias barreiras no longo prazo, não apenas no mercado de trabalho, mas também na obtenção de qualidade de vida, se comparados aos demais jovens.

Quanto aos efeitos económicos, Gregg (2001) evidenciou que, no Reino Unido, os jovens que passaram um tempo desempregados experimentaram períodos adicionais fora do mercado de trabalho (desempregados ou inativos) entre os 28 e 33 anos, sendo essa trajetória de dependência mais pronunciada para os homens. Resultados semelhantes foram obtidos por Maloney (2004) na Nova Zelândia, ao identificarem que quanto mais longo o período de inatividade económica na juventude, maior o “efeito redutor” sobre as perspetivas educacionais e laborais no futuro.

A OCDE (2005) complementou esses resultados ao argumentar que longos períodos de desemprego desgastavam as habilidades dos jovens, reduziam a sua empregabilidade, causavam perdas permanentes de capital humano e tornam o desemprego persistente.

Jovens com baixo capital humano e poucas competências estão particularmente expostos ao desemprego de longa duração, a empregos de baixa qualidade e instáveis e até, possivelmente à exclusão social.

Entretanto, mais capital humano e elevados níveis de educação não se traduzem automaticamente numa melhoria dos resultados no mercado de trabalho e em mais emprego. Gregg e Tominey

(2005) também identificaram um efeito “reduzidor” sobre os salários dos jovens no Reino Unido, penalizando-os nos médio e longo prazos. Constataram que são necessários 10 anos para esse efeito ser dissipado, desde que nenhum tempo de desemprego seja experienciado nesse período. Além disso, 8% desse efeito pode persistir até 20 anos após o período de desemprego, com impactos redutores sobre os salários de 13%-21% se o jovem passou por múltiplos períodos desempregado ou de 9%-11% se ele teve um único período nessa condição sem emprego. Esse efeito, contudo, varia dependendo da idade em que o jovem ficou desempregado. Por exemplo, se o indivíduo permanece um ano desempregado antes dos 23 anos reduz cerca de 20% do seu rendimento nessa idade, com lenta recuperação ao longo dos próximos 20 anos. Ao atingir 30 e 42 anos de idade, a penalidade sobre o seu rendimento reduz em cerca de 15% e 10%, respectivamente. De forma similar, Mroz e Savage (2006) identificaram a penalidade sobre os salários, embora de menor magnitude, ao analisarem os efeitos de longo prazo do desemprego dos jovens sobre os resultados no mercado de trabalho dos Estados Unidos, e constatam que o desemprego experienciado no passado continua a afetar adversamente os ganhos até 10 anos depois. Evidenciaram que indivíduos permanecendo 6 meses desempregados aos 22 anos receberiam, aos 30-31 anos, um salário 2%-3% menor do que outro que não esteve desempregado àquela idade. Mesmo que se procurem qualificar para voltar ao mercado de trabalho, não se recuperam completamente dos impactos adversos do desemprego.

Para Coles et al. (2010), o menor salário recebido por esses jovens está associado ao baixo nível educacional por eles alcançado, razão pela qual têm maior probabilidade de estarem em empregos menos qualificados, e assim com menores salários. Signorelli et al. (2013) salientam ainda que, devido à mais baixa qualificação e experiência e por estarem sujeitos a contratos de trabalho mais flexíveis, os jovens são mais sensíveis ao ciclo econômico do que os adultos. Para além disso, a elevada taxa de desemprego pode não ser um estímulo a procurar emprego. Em alguns casos, os jovens adiam a procura por emprego e continuam no sistema educacional, mas noutros casos passam a integrar o grupo dos jovens NEET. Para além disso, o baixo nível educacional resulta igualmente em diferenças salariais entre os jovens que tiveram sua transição para o mercado de trabalho marcada pela descontinuidade do ensino e/ou a intermitência no emprego com longos períodos de inatividade (NEET) e aqueles que não experimentaram essa condição, como enfatiza Pacheco e Dye (2014). Esta diferença pode ser explicada pelo fato de que quando estes jovens tentam voltar ao mercado de trabalho, são-lhes reservados empregos que exigem menores níveis de competências e qualificações.

Para Samoilenko e Carter (2015), todavia, o efeito do desemprego sobre os ganhos futuros parece ser ambíguo, pois alguns indivíduos são induzidos a aceitar empregos com baixos salários, enquanto outros terão um aumento nos ganhos de longo prazo se permanecerem algum tempo no desemprego à procura do emprego que se ajuste às suas qualificações e experiências profissionais. Além disso, experiências anteriores também determinam a probabilidade de se tornarem NEET.

Os jovens que se tornaram NEET na juventude durante mais do que 5 meses são mais suscetíveis de se tornarem inativos e/ou receber benefícios sociais, o que pode resultar numa maior probabilidade de permanecer dependentes de tais benefícios no futuro.

No que toca aos efeitos pessoais e sociais, Goldsmith et al. (1996) verificaram que os jovens dos Estados Unidos, que estiveram desempregados ou passaram um tempo fora do mercado de trabalho sofreram danos de longo prazo na autoestima e apresentaram sintomas de depressão, perda de identidade, ansiedade, agravados por dificuldades futuras no mercado de trabalho, corroborado posteriormente por Gerdtham e Johannesson (2003), Blanchflower (2011) e Eurofound (2012).

Foram identificados ainda aumentos da ocorrência de crimes entre os jovens inativos, particularmente entre os NEET, persistência na realização de delitos e do número de mortes precoces (Fergusson, et al., 2006; Coles et al., 2010; Wu e Wu, 2012).

Outras análises também atestaram indícios de que a condição nem-nem está relacionada com o aumento do uso de drogas ilícitas (Fergusson, et al., 2001; Blanchflower, 2011; Coles et al., 2010). Málaga et al. (2014) destacam ainda que a intermitência no desemprego parece poder prejudicar a autoestima dos jovens gerando desmotivação e desvinculação com o meio social. Características pessoais, como a falta de capacidade para se relacionar socialmente, o isolamento e a depressão também contribuem para a não participação nas atividades laborais e na educação ou formação, o que pode ser consequência e ao mesmo tempo causa da probabilidade de ser NEET

Marginalização e dependência química, problemas de saúde física e mental, são também identificados por Samoilenko e Carter (2015), como possíveis consequências nos jovens que passam por um longo tempo em inatividade. Essas adversidades estendem-se também para sentimentos de solidão, impotência, ansiedade, depressão e exclusão com um aumento da associação a comportamentos de risco: maior uso de drogas, álcool e atividade criminal. Tais indivíduos são mais suscetíveis de se tornarem pais mais jovens e enfrentarem problemas de habitação. Com conclusões similares, Bălan (2016) aponta que os mais importantes efeitos sociais dessa inatividade são o risco de pobreza, de autoexclusão e exclusão social, de falta de compromisso, ao nível individual expresso pela incapacidade de desempenhar um papel ativo na comunidade a que pertencem, e para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Ainda como resultado desse status por um longo período podem surgir o isolamento, o emprego em circunstâncias incertas e os baixos salários, a criminalidade, e a falha em constituir família, uma vez que o status NEET afeta a coesão e a harmonia familiar.

Quanto à participação política e social dos NEET, Bălan (2016). constatou que eles são menos interessados em política do que os restantes jovens, e são mais suscetíveis de perder a confiança nas instituições, dada a sensação de que as autoridades não são capazes de resolver as questões relacionadas consigo. A desconfiança de um elevado número de jovens que não estão incluídos no mercado de trabalho ou no sistema de ensino/formação pode contribuir para a indeterminação

da legitimidade dos líderes políticos, partidos políticos e instituições dentro da sociedade, visto que a participação ativa dos jovens no processo democrático é considerada um importante elemento da sustentabilidade da sociedade.

## **2.6. Custos**

Como relatado na literatura, o problema dos NEET estende-se de forma adversa na economia e sociedade, e os seus resultados podem criar custos expressivos (M. Shirasu et al., 2020). Apesar disso, existem poucos trabalhos internacionais que tentaram estimar tais custos, e, à dimensão nacional, não parece existir nenhum com esse propósito, pelo menos do nosso conhecimento.

Godfrey et al. (2002), na sua estimação dos custos dos NEET no Reino Unido consideraram tanto os custos individuais e familiares bem como para a restante sociedade, ao analisarem o seu impacto sobre as finanças públicas e sobre o custo de oportunidade dos recursos. Foram examinados os custos correntes, de médio e de longo prazo, considerando a estimativa ao longo da vida desse grupo de jovens comparado com a suposição alternativa caso não fossem NEET. Os autores calcularam uma perda total de 0,62% do PIB em custos dos recursos e 0,72% do PIB em custos das finanças públicas. Dos custos estimados destacam-se como maiores aqueles associados ao desemprego, que totalizam 0,44% do PIB. Esse exercício foi replicado por Coles et al. (2010), porém, com avanços metodológicos e com a inclusão de estudos de caso para captar os subgrupos de NEET de difícil identificação. Esses estudos de caso foram usados para analisar os efeitos que as experiências e a dinâmica de exclusão social do trabalho exercem sobre subgrupos específicos. O total de custos correntes estimados corresponde a 0,12% do PIB do Reino Unido, para os custos de recursos, e 0,11% do PIB de custos para as finanças públicas. A maior parte desses custos é resultado do subemprego devido ao baixo nível educacional, ao desemprego e à inatividade económica dos jovens, sugerindo que investimentos em estágios iniciais da carreira dos jovens podem fazer diferença entre uma vida adulta economicamente ativa e um percurso atribulado com períodos de inatividade.

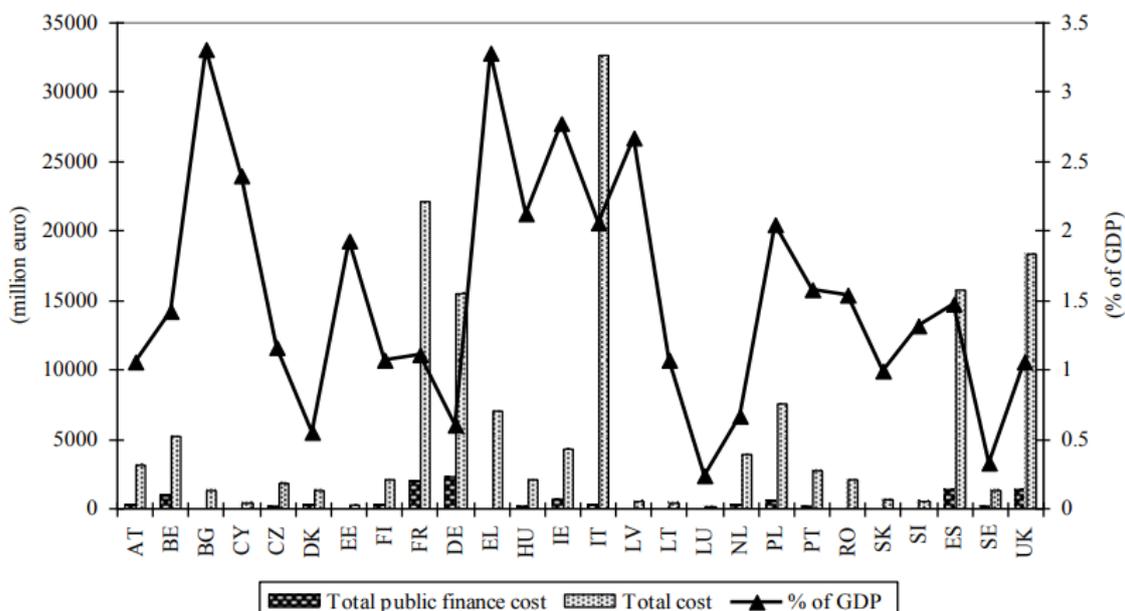
Com o objetivo de estimar a perda monetária decorrente na economia europeia, causada pelo abandono do mercado de trabalho e/ou sistema educacional pelos jovens NEET, o estudo da Eurofound (2012) estimou os custos com base no método proposto por Godfrey et al. (2002). Porém, uma nova metodologia foi usada: Propensity Score Matching (PSM), para obter resultados mais robustos. Eles usaram esta metodologia para estimar o custo para a categoria NEET usando dados sobre o seu impacto nas finanças públicas. Para este cálculo tomaram em consideração os sistemas de assistência social (seguro-desemprego, pensão infantil, pensão infantil, auxílio-moradia e outros custos relacionados aos benefícios do estudo e outros custos de saúde, assistência social e jurídica em matéria penal). Na maioria das vezes, o cálculo anual dos custos incorridos pelo estatuto NEET é calculado somando os custos em termos de recursos (os ganhos perdidos) e os custos cobertos pelas finanças públicas (transferência de dinheiro). Outro método para

determinar o custo total das pessoas NEET é a multiplicação dos custos unitários de trabalho para uma pessoa com o número total de pessoas NEET, abordagem que, no entanto, é bastante imprecisa porque não leva em consideração as características específicas do grupo NEET (Godfrey et al.,2002).

Ao usar o método estatístico de "Comparação do índice de propensão", cada NEET é comparado a um jovem profissional definido com o mais alto grau de comparabilidade com base num conjunto de características que explicam o status da pessoa NEET. A estimativa feita pela Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho para 21 países em 2008, revelou que, a falta de participação de jovens NEET no mercado de trabalho leva a custos anuais das empresas na ordem dos 100 mil milhões de euros, o que representa 1% do PIB a nível agregado.

A nível do país, o cálculo das despesas anuais, expressas em euros, são efetuadas pela Itália (26 mil milhões de euros) e pelo Reino Unido (16 mil milhões de euros). Em relação ao custo gerado pela categoria NEET, em percentagem do PIB, a Bulgária está em primeiro lugar com 2,36% do PIB, seguida pela Grécia e Irlanda (ambas com 1,74% do PIB), Chipre (1,65%) e Itália (1,60%). O custo mais baixo é gerado por NEET's de Luxemburgo (0,30%), Dinamarca (0,33%), Suécia (0,36%) e Holanda. Na Romênia, o custo gerado pela categoria NEET como percentagem do PIB é de 0,6% (M. Bălan, 2014).

**Figura 13- Custo gerado pelos Jovens NEET, em 2011, UE**



Fonte: Eurofound, 2012, pp.79.

Se a esses custos adicionassem custos relacionados à saúde, justiça criminal e impostos não pagos, então os custos reais gerados pelos NEET seriam muito superiores. Os resultados das estimativas feitas pela Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho mostram que a reintegração no mercado de trabalho de apenas 10% dos NEET geraria uma poupança anual de mais de 10 mil milhões de euros e este montante aumentaria para 21 mil milhões de euros caso o mercado de trabalho pudesse absorver 20% da categoria NEET (Eurofound, 2012).

A recessão económica levou a um aumento dos NEET e, portanto, dos seus custos associados. Assim, a perda económica semanal na Europa aumenta de € 2,3 bilhões em 2008 para quase € 3 bilhões em 2011, o que corresponde a uma perda anual de € 153 bilhões estimada para 2011. Estes montantes representam custos para a economia por esta não ser capaz de recuperar/reintegrar estes jovens no mercado de trabalho. O custo dos NEETs em 2011 foi quase € 34 bilhões mais alto do que em 2008, um aumento relativo de quase 28 pontos percentuais. Em percentagem do PIB, a perda económica decorrente da não participação dos jovens no mercado de trabalho, a nível europeu, aumentou de 0,96% em 2007 para 1,21% em 2011.

Para os jovens, o aumento do período de estatuto de NEET pode ter consequências graves tanto para o indivíduo como para o coletivo, a curto e longo prazo. Podem surgir efeitos de natureza financeira, mas também de natureza social: isolamento, envolvimento num comportamento instável, associado a riscos de ordem física e psicológica.

A avaliação dos custos económicos com a população NEET é um exercício complexo, especialmente quando é feita a nível europeu. Em 2011, o custo da população NEET foi estimado em 153 mil milhões de euros, representando mais de 1,2% do PIB da Europa. Hoje, muitos Estados-Membros são confrontados com pressões sobre as despesas públicas, exigências de responsabilização, taxas de desemprego juvenil, para além do constante aumento dos casos NEET. Para definir as políticas mais acertadas e mais eficazes, é necessário ter um conhecimento sobre a dimensão e as características da população nesta situação, para tentar evitar algumas das consequências dramáticas acima mencionadas, para o indivíduo e para a sociedade.

## **2.7. Medidas e políticas destinadas a Jovens NEET**

A pluralidade da condição NEET e o desenvolvimento e prática de políticas públicas voltadas para os jovens que se encontram nessa condição traduzem-se num conjunto de limitações que devem ser levadas em conta para ampliar o alcance das medidas e respostas que são oferecidas.

Em primeiro lugar, os jovens em NEET constituem um grupo heterogéneo e, embora existam jovens com maior risco de se tornarem NEET, não é uma condição específica de grupos vulneráveis ou derivada de uma decisão voluntária. Os dados mostram que os jovens podem voluntária ou involuntariamente ser NEET, independentemente dos fatores de risco que apresentem, pelo que as diferentes medidas e práticas devem ter em conta esta diversidade. Ao

mesmo tempo, e no quadro da estratégia nacional de sinalização dos jovens inativos, deve ser tida em consideração a diversidade de situações que colocam um jovem na condição de inativo. É importante que se articule medidas com disposições de outras instituições públicas, por exemplo, a segurança social, promovendo igualdade de género, a conciliação da vida familiar e do trabalho. A flexibilidade no emprego, o aumento do trabalho a tempo parcial, muitas vezes involuntário e sazonal, têm um impacto profundo na carreira profissional dos jovens, marcada por frequentes períodos de desemprego, razão pela qual devem tomar em conta a transitoriedade e recorrência da condição NEET, de forma a promover a sua sustentabilidade a médio e longo prazo. Com efeito, é essencial criar medidas de curto prazo, cujos efeitos, se estendam a médio e longo prazo.

Sendo um problema transversal em quase todos os Estados-Membros da União Europeia, a questão impõe-se na agenda política e mediática e dá origem a um pacote de políticas europeias de empregabilidade, nas quais, como vimos, se destaca o Plano Nacional de Implementação de uma Garantia Jovem (PNI-GJ). Surge de um processo de elaboração, implementação e avaliação de um formato de cima para baixo, amplamente apoiado por conceções a priori das necessidades e expectativas dos jovens, para as quais o uso de construtos estatísticos como o do jovem NEET, são artificialmente padronizadoras (Ferreira, Pappámikail & Vieira, 2017).

Além disso, é um programa que se apresenta com diferentes níveis de intervenção e decisão, tanto a nível europeu como nacional, com a expectativa de que cada país opere uma resposta que pressupõe a coordenação e o trabalho em associação de um conjunto de públicos e agentes privados, o que adiciona complexidade à sua execução (Tosun, 2017). Todos esses ingredientes certamente terão contribuído para que surjam muitas vezes conjuntos de políticas relativamente desarticuladas, marcadas por algumas inconsistências e incoerências.

Primeiro, em virtude da forma como o público-alvo é retratado. Por exemplo, verifica-se como os jovens em condições NEET se apresentam como uma categoria homogénea de “risco”, nos moldes gerais do Sistema de Garantia à Juventude em Portugal:

As políticas públicas que têm como público-alvo os jovens não podem evitar que a transição para a vida adulta seja cada vez mais um processo, e não um momento, que se prolonga no tempo.

Com efeito, nas suas dimensões sociais e demográficas, e no que aqui interessa, nas dimensões da educação e do trabalho, a transição dos jovens para a vida adulta caracteriza-se por percursos escolares mais longos e inserções profissionais posteriores instáveis. Este caminho, que para muitos é de incertezas, para outros é arriscado, devido à extrema dificuldade de ultrapassar obstáculos, multiplicando as desvantagens que os levam às margens da exclusão social (...). (Resolução do Conselho de Ministros n.º 104/2013, de 31 de dezembro).

Os jovens surgem assim, como um “problema social” que necessita de intervenção externa e ação corretiva, liderada por adultos (Avis, 2014). Esta abordagem minimiza os jovens como agentes ativos e potenciais promotores do desenvolvimento económico e social na Europa, dimensão que

ainda se reflete, também, no facto de o Sistema de Garantia para a Juventude se dirigir a um grupo identificado pelo negativo: os jovens que não estão em situação de emprego, educação ou formação. Assim, a categoria NEET, além de referir-se e sustentar-se na ideia de combate à exclusão social, pode ao mesmo tempo contribuir para a sua reprodução (Holte, 2017). Termos como “risco”, “em risco” ou NEET são termos exclusivos (Follesø, 2015), o que pode fazer com que muitos jovens que se encontram nessas condições não se identifiquem com eles e não se apropriem das respostas criadas para atender aos seus " problemas "e" necessidades ".

Uma vez que o perfil dos jovens em condição de NEET em Portugal é manifestamente plural e não corresponde ao perfil estereotipado, muitas vezes associado a esta categoria, explica em parte as dificuldades de ativação e mobilização desses jovens no âmbito do Plano de Garantia à Jovem. Este facto, aliado à ausência de mecanismos de acompanhamento dos jovens, torna-os largamente invisíveis no processo de conceção, implementação e avaliação do Sistema de Garantia à Juventude e, talvez o mais preocupante, fora do âmbito das medidas oferecidas pelo Sistema (Maguire , 2015).

As estatísticas e dados dos jovens na condição de NEET em Portugal, permitem verificar que se trata de um grupo heterogéneo com necessidades e expectativas diferentes, às quais o Plano de Garantia Jovem nem sempre tem se mostrado capaz de responder.

Utilizando os dados mais recentes sobre jovens em condições NEET em Portugal (INE, 2018), verificou-se, por exemplo, que em Portugal uma proporção significativa de jovens em condições NEET são mais velhos (entre 20-24 anos e 25-29 anos) e/ou mais escolarizados, como é o caso da amostra estudada. Este facto, aliado à ausência de mecanismos de auscultação dos jovens, torna-os largamente invisíveis no processo de conceção, implementação e avaliação do Sistema de Monitorização.

Além disso, a estratégia nacional parte do princípio de que os jovens beneficiários do Plano de Garantia Jovem apresentam múltiplas fragilidades por se encontrarem “fora do sistema”, para as quais devem ser identificados, inscritos e, posteriormente, acompanhados e orientados. Com efeito, os dados revelam, por um lado, que a condição do NEET é, para muitos, transitória e, por outro, que os jovens valorizam a sua autonomia e se mobilizam, sem recorrer a apoios institucionais de qualquer espécie, para construir os seus itinerários formativos e de trabalho. Prova disso é o facto de, num estudo de 2016, 89% dos jovens afirmarem não ter tido qualquer tipo de apoio institucional na procura de emprego nos últimos 12 meses (centro de emprego ou outras entidades públicas associadas serviço de emprego ou instituição de ensino), encontrando emprego principalmente através de redes familiares; pelo contato direto com o empregador e na resposta a anúncios publicitários, (Oliveira, 2016). É também entre os jovens com nível superior que o uso dos meios digitais é mais frequente para uma procura ativa de emprego na Internet ou nas redes sociais (Ferreira, 2017b). Embora esses dados não permitam verificar se a ausência de resposta se deve à falta de procura ou se da ausência de resposta institucional, ainda assim, é um

indicador relevante para refletir sobre a forma como os jovens se relacionam com as instituições e o grau de confiança que depositam nelas (Ferreira, Lobo, Rowland & Sanches, 2017), em particular no serviço público de emprego (Walther e Pohl, 2005). Vale ainda ressaltar que, pela fase da vida em que se encontram, estarão potencialmente mais distantes do âmbito de atuação das instituições e organizações que desenvolvem seu trabalho com os jovens.

Os Programas para reinserir os jovens NEET devem possuir as seguintes características:

- Diversas atividades que permitem aos participantes encontrar algo dentro de um programa que lhes seja pessoalmente significativo como uma experiência de crescimento.
- Elementos que desafiam os participantes, pois podem criar confiança e fornecer provas da sua capacidade de superar ansiedade e dificuldade.
- Oportunidades para experimentar desafios partilhados agradáveis com o apoio do grupo de pares.
- Apoio à identificação dos objetivos da carreira de vida, com a escolha feita pelos jovens de acordo com os seus próprios valores.
- Dinamização da colocação no mercado de trabalho, promovendo o ajustamento entre a procura e a oferta de emprego.
- Dinamização de programas e medidas de apoio ao empreendedorismo, bem como o recurso à utilização de linhas de financiamento e microcrédito.
- Fomento de negócios, estimular uma cultura empreendedora centrada na criatividade e na inovação, desenvolver projetos sustentáveis de empreendedorismo em contexto associativo, promover o empreendedorismo social e cultural e apoiar o movimento associativo de jovens.
- Assegurar a gestão e acompanhamento individualizado dos alunos e, dessa forma, detetar mais facilmente situações de insucesso e abandono escolar
- Utilização dos canais, vias de comunicação e redes sociais predominantemente utilizados por jovens para divulgação de programas e medidas de educação, formação profissional e emprego que lhes sejam destinados.
- Reforma do sistema de orientação escolar e profissional, com a finalidade de facilitar a articulação entre a orientação escolar e profissional, a inserção em percursos de educação e formação profissional, através de uma intervenção articulada.
- Reforço da oferta nos cursos de educação e formação profissional de jovens e adultos, procurando reforçar a correspondência entre as ofertas formativas e as necessidades de trabalho locais e regionais.
- Reforçar a qualificação profissional dos(das) jovens que procuram um primeiro ou um novo emprego.

- Oferta de Formação Transversal no âmbito da Ativação e das Técnicas de Procura de Emprego, tendo como principal objetivo capacitar jovens desempregados com as competências necessárias à adoção de comportamentos e atitudes que potenciem as condições de empregabilidade, à procura ativa de emprego e à criação do próprio emprego ou empresa.
- Criação de mecanismos facilitadores da possibilidade de os(as) jovens conseguirem conciliar a aposta na sua educação e formação com oportunidades de trabalho remunerado.

Tem havido tentativas de medir ou valorizar o desenvolvimento pessoal ou a mudança de atitude nos programas de empregabilidade, introduzindo noções de "resultados suaves" (Dewson, Eccles, Tackey, & Jackson, 2000), para contrastar com resultados difíceis como a colocação no emprego ou a realização de qualificações. Estas abordagens são atrativas para algumas agências de apoio ao emprego, mas até à data não se registaram progressos na persuasão dos responsáveis políticos pela sua adoção.

### **3. Capítulo 3: Dados e Metodologia**

Neste estudo será feita uma análise da dinâmica do status NEET, que vem com requisitos de dados substanciais. A identificação das trajetórias NEET dos jovens deve ser baseada em dados longitudinais de nível individual que determinam o status sociodemográfico, educacional, o historial familiar, a situação de emprego e a participação no mercado de trabalho.

Uma vez que o foco da análise está especificamente nos períodos de desemprego ou inatividade, o número de indivíduos na amostra, além disso, teve que ser grande para identificar um número suficiente de potenciais indicadores de risco dos NEETs. (K.Robson, 2008). Portanto, o que se observa é se o jovem possui ou não tal status, enquanto é analisada a propensão de um jovem a ter status NEET, dadas as suas características.

No entanto, mesmo que as características individuais predisponham uma pessoa a ser NEET, os mesmos traços afetam pessoas em diferentes países de forma diferente devido à heterogeneidade na estrutura económica e institucional de cada país. Portanto, consideramos importante incluir os determinantes do status NEET na análise, juntamente com as características de nível nacional. Só desta forma é possível explicar porque é que os jovens com características pessoais idênticas apresentam propensões totalmente diferentes para NEET. No entanto, quando observamos dados individuais em diferentes países e consideramos razoável levar em consideração a influência das diferentes características de nível nacional sobre o status NEET.

Foram usados indicadores macroeconómicos fornecidos pelo Eurostat e pela OCDE para as variáveis de nível nacional. As características pessoais analisadas foram as seguintes: sexo, estado civil, ter pelo menos um filho, o nível de escolaridade, a educação e antecedentes familiares. Outros fatores individuais incluídos na análise são: a condição de incapacidade permanente, status de imigrante e o momento de entrada no mercado de trabalho após a graduação.

#### **3.1 Hipóteses de Investigação**

O objetivo desta dissertação é, com as principais características dos jovens NEET identificadas, perceber se os indivíduos inquiridos têm uma maior probabilidade de ser classificados como NEET.

Com a elaboração do inquérito tentaremos constatar se os vários estereótipos de ser NEET se verificam e corroboram a revisão bibliográfica para a amostra de jovens que recolhemos atrás.

#### **3.2. Amostra**

O objetivo principal desta dissertação é analisar como os principais indicadores de risco potenciam a categorização de um jovem como NEET. Assim, os dados foram recolhidos, através de um questionário online. Estudos realizados com este método conduzem a diversas vantagens, tais como, a situação de anonimato dos inquiridos, a possibilidade de comparabilidade dos

resultados e analisar as relações entre as variáveis (Sukamolson, 2007). Por outro lado, as principais desvantagens são o tempo que é necessário para alcançar a amostra desejada e a incapacidade de assegurar a coerência das respostas dos participantes (Gil, 2008), motivo pelo qual a análise do conjunto de respostas se sobrepõe à análise das respostas de cada indivíduo. Através do questionário, pretendeu-se verificar e identificar diversas relações entre as características e a classificação do jovem como NEET:

- **Sociodemográficas:** onde são incluídas as categorias de género, idade, área de residência, ser portador de doenças ou incapacidades, situação de Imigração e estado civil;
- **Educação:** onde são identificados os níveis de qualificação, quais as áreas de Formação;
- **Emprego:** onde percebemos qual o comportamento dos inquiridos na questão da sua empregabilidade;
- **Background Familiar:** onde é identificado o historial de emprego, a qualificação, os rendimentos, o estado civil, a situação de imigração e as expectativas em relação ao inquirido, por parte do seu agregado familiar;
- **Outros fatores:** onde são identificadas a autoavaliação de competências individuais, o ser considerado NEET, a dependência familiar e a desvinculação com o sistema de Ensino.

Com a revisão bibliográfica realizada nos capítulos anteriores, concluiu-se que o tipo de investigação exploratória é a mais apropriada para a realização deste trabalho. A pesquisa foi utilizada para um melhor conhecimento e abordagem dos temas estudados, de forma a compreender e aprofundar o tema e obter pontos de reflexão importantes para as conclusões finais do trabalho, tentando ao máximo cruzar a informação recolhida de outros trabalhos e dados recolhidos para este trabalho. A amostra do estudo é não casual por conveniência, ou seja, pode ser considerada como não representativa da população em geral. No entanto, este tipo de estudo é, regularmente, utilizado quando se pretende obter conclusões gerais em que não existe uma certeza predefinida dos representantes.

### **3.2 Processos e instrumento de recolha de dados: o questionário**

A execução do questionário foi feita a partir de um inquérito online e para tal, foi utilizada a ferramenta do Google Forms. Numa fase inicial, procedeu-se à realização de um pré-teste, onde um grupo de colegas respondeu ao questionário com o objetivo de verificar se o mesmo era claro e perceptível e de recolher comentários sobre o questionário. Obtidos os comentários, foram feitas as alterações e correções necessárias para tornar o questionário suficientemente claro a ser aplicado.

O questionário permitiu a recolha de informações sobre os principais características e determinantes que podem ser apontados como fatores de risco para um jovem NEET. Estas

características foram depois divididas em secções para estudar a situação sociodemográfica, familiar, financeira e outros determinantes referidos em capítulos anteriores.

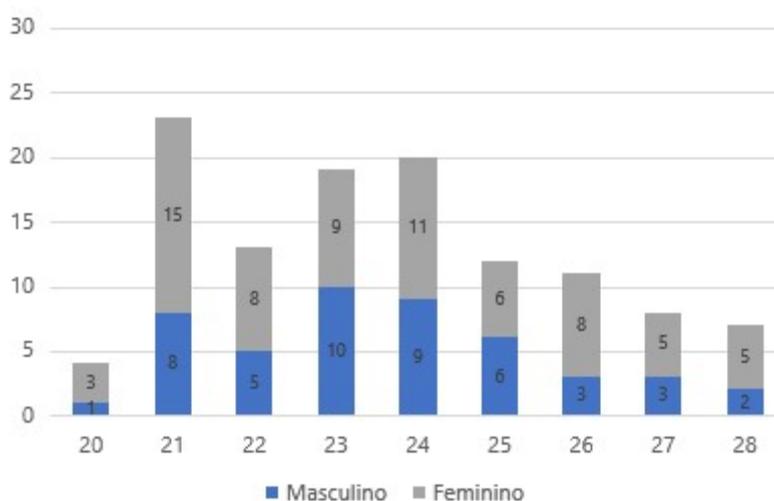
Após a interseção de tais informações, foi possível fazer uma análise detalhada, assertiva e exigente dos resultados. As questões foram baseadas em inquéritos anteriores e em estudos sobre o tema. Os participantes do estudo foram informados que o mesmo se inseria no âmbito de uma dissertação de mestrado de Economia na Universidade de Aveiro, tendo sido garantido o anonimato das suas respostas. O inquérito, distribuído através de plataformas digitais, redes sociais, partilhado entre colegas, amigos e docentes, decorreu entre os dias 30 de novembro de 2020 e 17 de dezembro de 2020 e foram obtidas 117 respostas de jovens adultos entre os 18 e 29 anos, pois como foram distribuídos, na sua maioria pela comunidade académica, esta foi a faixa etária que possível de inquirir.

### 3.3 Caracterização da Amostra

A amostra final é constituída por 117 respondentes, sendo que 70 (59,8%) são do sexo feminino e 47 (40,2%) são do sexo masculino.

Relativamente à idade, maioritariamente os inquiridos têm entre os 18-25 anos (91 participantes que corresponde a 77,8% do total da amostra) e entre os 26-29 anos (26 participantes que corresponde a 22,2% do total da amostra), como representado na figura 14.

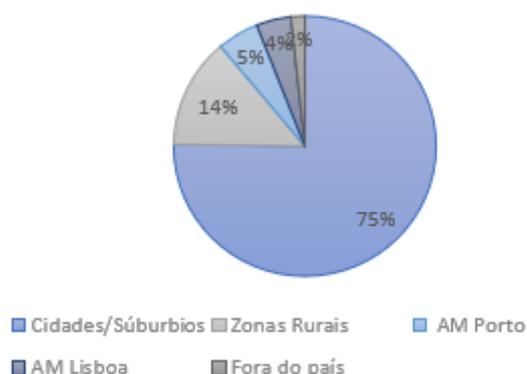
Figura 14-Idade dos Inquiridos



Fonte: Elaboração Própria

No que respeita à região de habitação (figura15), 88 inquiridos vivem em cidades/subúrbios, o que representa 75% do total da amostra, 16 (14%) habitam em zonas rurais, 6 (5,1%) no Porto, 5 (4%) em Lisboa e 2 (2%) habitam fora do país (neste caso, Reino Unido).

**Figura 15-Área de Residência dos Inquiridos**

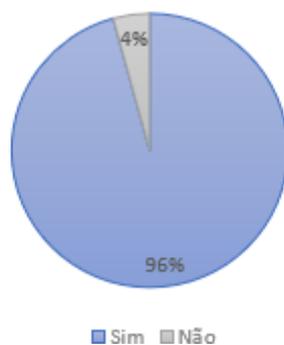


**Fonte: Elaboração Própria**

No que diz respeito ao estado civil dos inquiridos, as respostas são todas semelhantes (solteiro) à exceção de um inquirido que é “divorciado ou separado judicialmente” o que representa 0,9% da amostra total.

Na pergunta feita sobre o país de origem cerca de 112 participantes responderam ter nascido em Portugal que representa 95,7% do total da amostra, enquanto apenas 5 responderam ter nascido noutra país (4,3%).

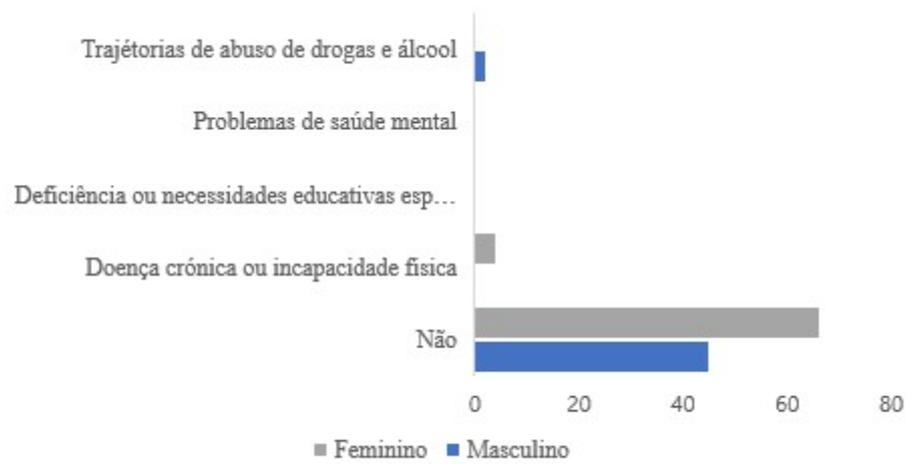
**Figura 16- Nascimentos em Portugal**



**Fonte: Elaboração Própria**

Por fim, foi questionado aos participantes se estes possuíam algum tipo de incapacidade ou problema de saúde. Dos 117 inquiridos, 111 responderam que não possuem qualquer tipo de doença ou incapacidade (94,9%), 4 são portadores de doenças crónicas ou algum tipo de incapacidade física (3,4%) e 2 participantes têm trajetórias de abuso de álcool ou drogas o que perfaz cerca de 1,7% da amostra total.

**Figura 17- Existência de algum tipo de incapacidade ou problema de saúde**



**Fonte: Elaboração própria**

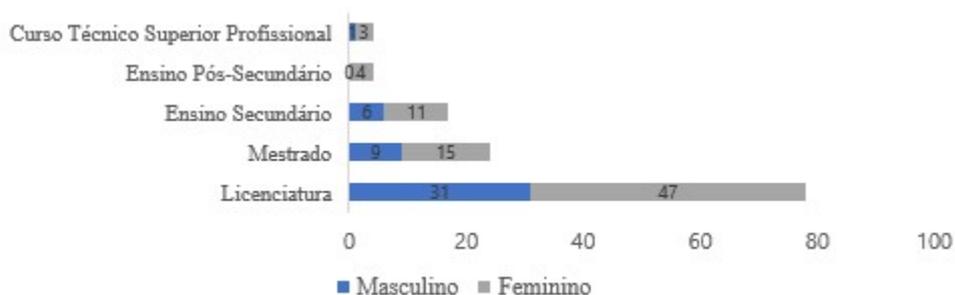


## 4 Capítulo 4: Discussão de resultados

Através deste questionário foi possível observar se estão presentes os restantes indicadores de risco relacionados com a Educação, com o Emprego, com o Background Familiar e com outros fatores relacionados com a confiança dos inquiridos na sociedade que os rodeia. Esta análise pretende verificar e consolidar a existência de condições específicas para o surgimento de jovens com o status NEET.

No que concerne ao nível de instrução dos participantes (figura 18), 68 (58,1%) concluíram a licenciatura, 24 (20,5%) possuem o grau de mestre, 17 (14,5%) têm o Ensino secundário, 4 (3,4%) o Ensino pós-secundário e, 4 participantes (3,4%) têm um curso técnico superior profissional.

Figura 18- Nível de Instrução

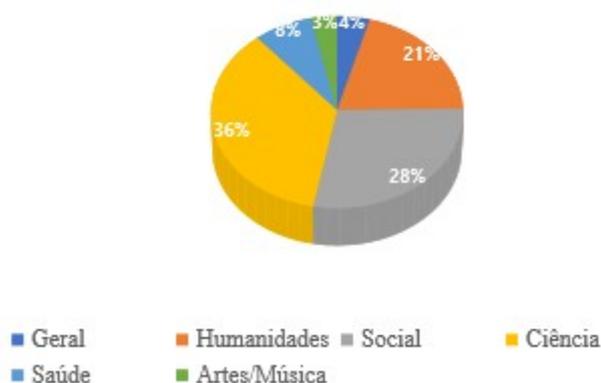


Fonte: Elaboração Própria

Apesar de na amostra existir um maior número de respostas de participantes do sexo feminino, podemos comprovar que as mulheres desta amostra revelam ser mais propensas aos estudos e a ter maiores níveis de instrução do que os participantes do sexo masculino.

Outra pergunta presente no questionário, relativa à situação de qualificação dos inquiridos, está relacionada com a área de formação base dos participantes, que nos pode revelar se a área de estudos pode influenciar ou não na potencialização do status NEET. De notar que a área científica que foi a mais selecionada, os jovens demonstram uma tendência ao seguir este ramo de formação com 42 respostas representando 35,9% da totalidade da amostra, seguida da área social com 33 respostas (28,2%), humanidades com 24 (20,5%), área da saúde com 9 (7,7%), 5 respostas numa área geral de formação (4,3%), e por fim 4 respostas por parte dos inquiridos na área das artes performativas e música (3,4%).

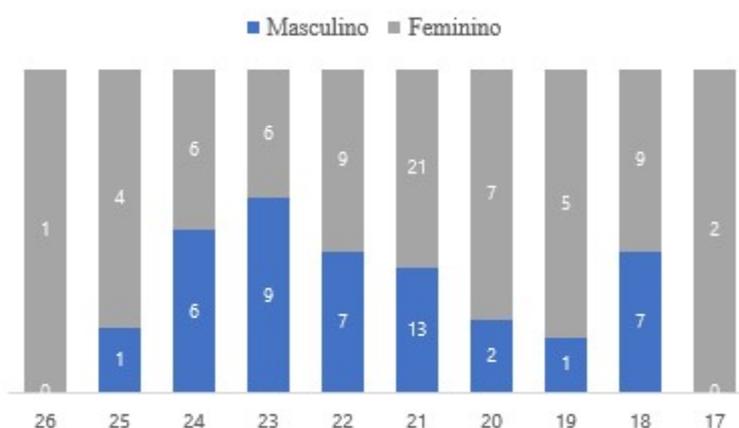
**Figura 19- Formação Base**



Fonte: Elaboração própria

De seguida, os participantes foram questionados sobre a idade com que tinham concluído os seus últimos graus de escolaridade. Nesta questão, uma das respostas foi descartada, devido a lapso do inquirido. Os resultados apresentados revelam que 34 dos participantes terminaram o último grau que possuem com 21 anos (29,3%), 16 concluíram com 22 anos (13,8%), 15 com 23 anos (12,9%), 12 com 24 anos (10,3%), 16 com 18 anos (13,8%), 9 inquiridos terminaram com 20 anos (7,8%), 6 com 19 anos (5,2%), 5 concluíram aos 25 o seu ultimo grau (4,3%), 2 terminaram com 17 anos (1,7%) e por fim apenas uma resposta que identifica um jovem que terminou o seu ultimo grau de qualificação aos 26 anos de idade (0,9%).

**Figura 20-Idade com que os participantes terminaram o seu último nível de qualificação**



Fonte: Elaboração Própria

Ao fazer um cruzamento de dados entre as idades com que os inquiridos terminaram o seu último grau de qualificação e as suas idades atuais. Os resultados revelam que a média de idades dos

jovens que terminaram o seu último grau de escolaridade dos 17-19 anos e 21 anos é agora de 23 anos. A média de idades atuais dos jovens que terminaram os seus últimos graus de qualificação aos 20 anos é de 22. Os que terminaram aos 22 anos contam com uma média de idades de 24 anos. Os inquiridos que terminaram o último nível de ensino aos 23, maioria do sexo masculino, têm atualmente uma média de idades de 25 anos. Por fim, os participantes que terminaram os seus últimos níveis de instrução entre os 24 e os 26 anos, maior parte pessoas do sexo feminino, têm uma média de idades compreendida entre os 26 anos também.

Ainda relativamente à situação educacional dos inquiridos, foi perguntado se estes já tinham participado em algum tipo de programa de estágio, bem como qual seria a tipologia do mesmo caso o tivessem participado em algum, durante o percurso académico. Os dados demonstraram, que a maior parte da amostra não participou em nenhum tipo de estágio, contando com 70 respostas negativas, o que representa 59,8% do total da amostra. Dos 47 inquiridos que responderam já ter feito parte de programas de estágio (40,2%), 32 participaram em estágios curriculares, 10 em estágios profissionais e 5 em estágios extracurriculares/estágios de verão.

**Figura 21-Participação e tipologia de Estágios.**

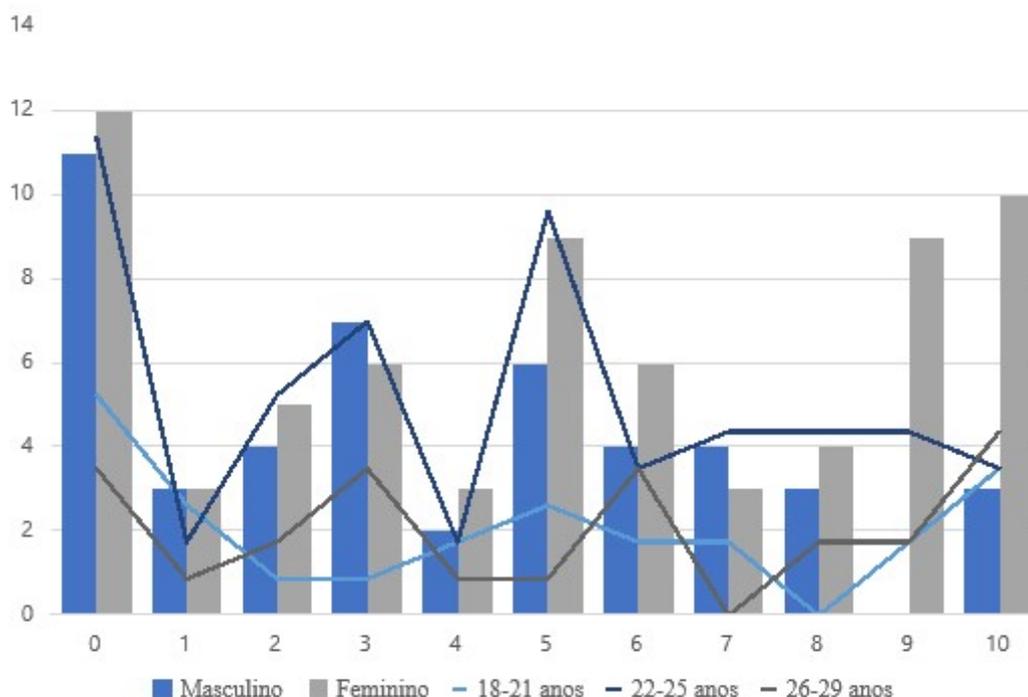


**Fonte: Elaboração Própria**

Passando para o campo do emprego, foi perguntado se os inquiridos já tinham tido algum emprego e de quanto tempo durou o contrato em meses. As respostas foram interessantes pois mais de 90 pessoas (78%) responderam já ter estado empregadas, enquanto 25 (21%) responderam nunca ter entrado no mercado de trabalho. Dos inquiridos que estiveram ou estão empregados podemos agrupá-los em contratos de 1-3 meses onde os dados atingiram as 18 respostas, 4-7 meses onde existem 17 respostas, 8-11 meses que arrecadaram 8 respostas, seguidos de 25 respostas com um contrato a durar entre 1- 3 anos, os que responderam que tinham um contrato com uma duração superior a 4 anos ou sem termo foram 8 os inquiridos e por fim os que são empregados, mas não possuem um contrato de trabalho foram 5 respondentes.

As respostas, aos participantes do inquérito, acerca da questão de estarem desempregados por mais de um ano, obtidas foram de que apenas 13,7% do total da amostra se encontrou nesta situação, apenas 16 jovens. Pelo contrário 101 (86,3%) nunca esteve na situação de desemprego. Para tentar perceber qual o comportamento dos jovens em relação à procura de emprego foi questionado qual a intensidade com que o grupo da amostra procurava por um emprego.

**Figura 22-Grau de Intensidade da procura de Emprego**

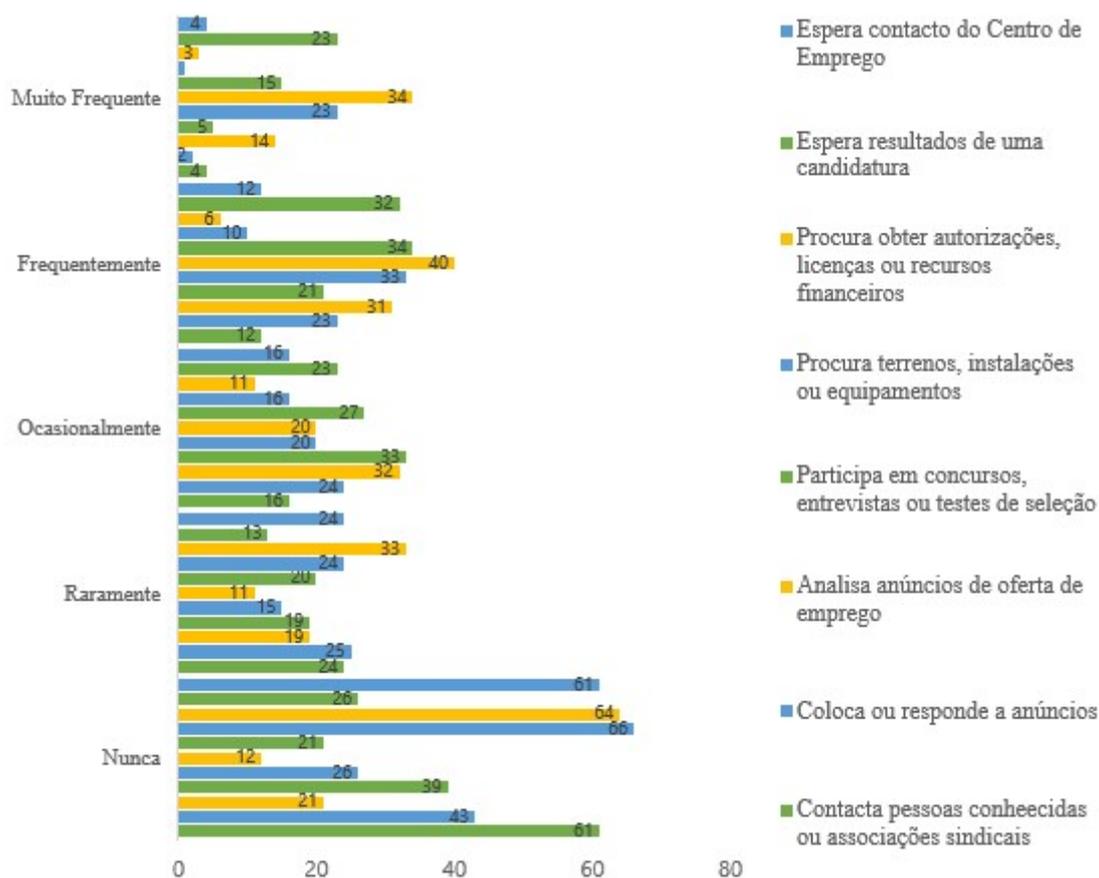


**Fonte: Elaboração Própria**

É perceptível que as participantes do sexo feminino, apesar de representarem um grupo com maior volume, daí terem números superiores em quase todos os níveis de intensidade na procura de emprego, são as que mais procuram ativamente por um emprego. De notar também, que os inquiridos com idades compreendidas entre os 26-29 são aqueles que demonstram níveis de intensidade maiores no que respeita pela procura de emprego e os inquiridos com idades compreendidas entre os 18-21 anos os que procuram de forma menos intensa por uma entrada no mercado de trabalho.

De seguida os inquiridos foram questionados acerca das principais formas utilizadas na procura de um emprego. De um conjunto de afirmações apresentadas teriam de responder qual a frequência com que utilizariam aqueles métodos, na procura por um emprego.

Figura 23-Principais métodos de procura por um emprego

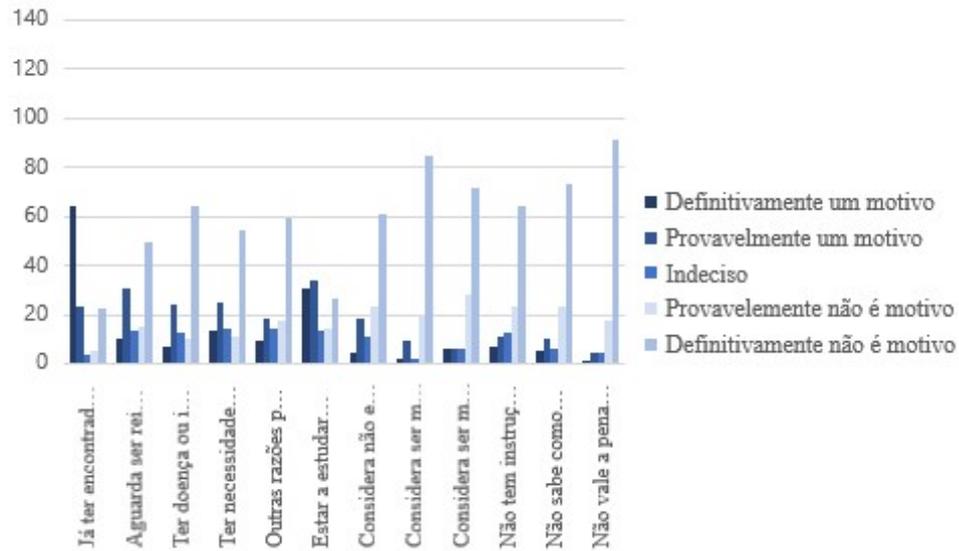


Fonte: Elaboração Própria

Com a figura 23, conseguimos perceber quais os principais métodos que os inquiridos utilizam na procura por emprego. Do conjunto de métodos apresentados, aqueles que os jovens mais utilizam são a análise de anúncios de oferta de emprego; os participantes colocam e também respondem a anúncios; esperam por resultados de candidaturas; Grande parte dos inquiridos também participam em concursos, entrevistas ou testes de seleção. Por outro lado, os jovens selecionaram que “raramente” ou “nunca” esperam por contactos do centro de emprego; Não procuram obter autorizações, licenças ou recursos financeiros nem terrenos, instalações ou equipamentos; a maioria também de forma rara ou nunca, esperam resultados de concursos para o Setor Público.

A seguinte questão tinha como objetivo perceber as possíveis motivações, para os participantes não procurarem por um emprego. De um conjunto de motivos apresentados no questionário, foi perguntado, quais aqueles que os jovens achavam ser os principais para não procurar um emprego e ao mesmo tempo conseguimos perceber quais dos motivos expostos não são aqueles que indicam ser barreiras à sua procura.

**Figura 24- Possíveis motivos da não procura de emprego**

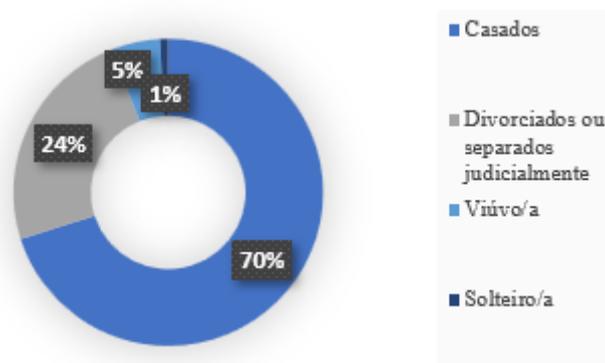


Fonte: Elaboração Própria

Como se pode observar na figura 24, dos motivos apresentados no inquérito, poucos deles representam motivos para a maioria dos inquiridos não procurar um emprego. Aqueles que apresentam maiores valores são o facto de já ter encontrado um trabalho, o de ainda estarem a completar os estudos ou formação e o facto de alguns dos jovens serem reintegrados no mercado de trabalho. Por outro lado, o ser considerado muito velho ou muito jovem, o não ter instrução suficiente, o não saber como, ou o facto de não valer a pena a procura, não são para os jovens inquiridos motivos para não procurar um emprego.

Na categoria relacionada com o historial familiar, foi auferido, acerca do estado civil dos pais dos inquiridos. Podemos verificar que dos 117 participantes, 82 responderam ter os pais casados, 28 os pais estão divorciados ou separados judicialmente, 6 dos inquiridos responderam viúvo/as e apenas um possui um pai/mãe solteiro/a.

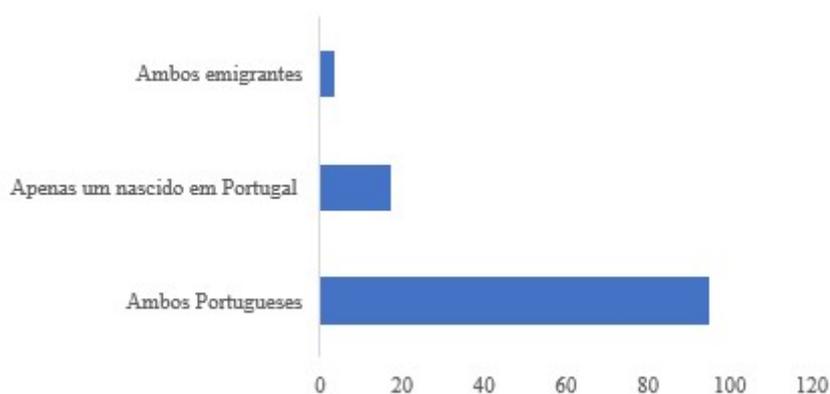
**Figura 25-Estado Civil dos pais dos inquiridos**



**Fonte: Elaboração Própria**

De seguida foram questionados acerca do estatuto de emigração dos seus pais. Dos resultados obtidos, podemos observar que a maioria das respostas revela que os pais dos inquiridos são de origem portuguesa, contando com 95 respostas. Apenas 17 revelam ter pelo menos um pai/mãe de origem portuguesa e 5 inquiridos revelam ter ambos os seus pais de origem estrangeira.

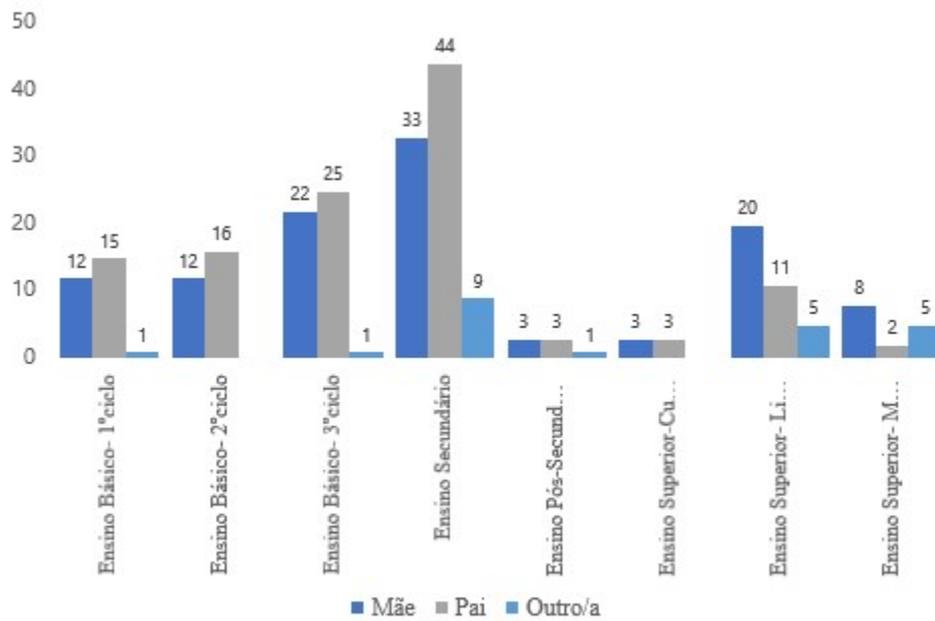
**Figura 26-Situação de emigração dos pais dos inquiridos**



**Fonte: Elaboração própria**

A questão seguinte está relacionada com os níveis de qualificação dos elementos do agregado familiar dos inquiridos.

**Figura 27 - Grau de qualificação do agregado familiar**

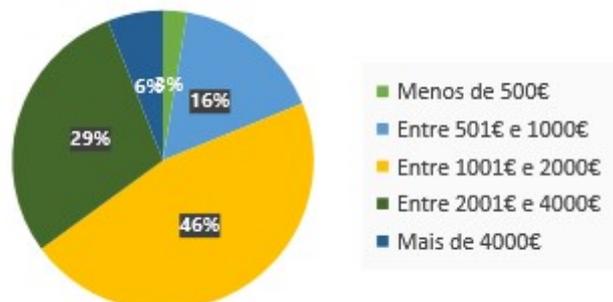


Fonte: Elaboração Própria

Os resultados obtidos revelam que a maioria do agregado familiar dos participantes tem qualificações entre o 1º ciclo e o Ensino Secundário onde a maioria parece ter terminado. No entanto, e sobretudo as Mães dos inquiridos, parecem ter qualificações mais elevadas, no Ensino Superior, como Licenciatura e Mestrado.

De seguida foi questionado o valor do rendimento mensal do agregado familiar dos jovens participantes. Esta questão é levantada, uma vez que na literatura este é um indicador muito importante que pode condicionar o facto de os jovens terem uma vida estável e com oportunidades tanto académicas como profissionais.

**Figura 28- Rendimento mensal do agregado familiar**

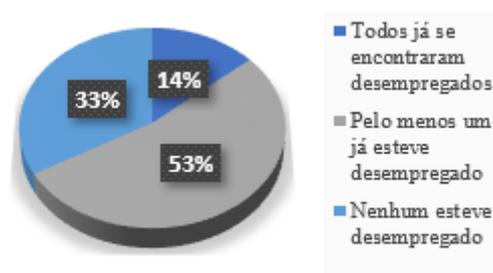


Fonte: Elaboração Própria

Com o gráfico circular da Figura 28 fez notar que a maioria da amostra, tem algum equilíbrio e estabilidade financeira, mais de metade das famílias dos inquiridos recebia entre os 1001€ e os 4000€ contando com 88 respostas. Com 7 respostas (6% do total da amostra) os inquiridos revelaram que os seus agregados tinham um rendimento superior a 4000€. Por outro lado, 19 participantes seleccionaram a opção de rendimento entre os 501€ e os 1000€ o que perfaz 16% do total da amostra. Por fim, e com apenas 3 respostas os inquiridos que responderam que os seus agregados auferiam um rendimento mensal abaixo dos 500€.

A questão seguinte procurava saber se algum dos membros do agregado familiar ou ambos já tinham estado em situação de desemprego.

**Figura 29-Situação de desemprego das pessoas do agregado familiar dos inquiridos**



**Fonte: Elaboração própria**

Os resultados a esta questão demonstram que a grande maioria dos participantes (53%) já teve pelo menos uma pessoa do seu agregado familiar desempregada. Com 39 respostas os jovens afirmam que nenhuma pessoa do seu agregado teve desempregada. Por fim, 16 destes participantes revelam que todos as pessoas do seu agregado familiar já se encontraram em situação de desemprego.

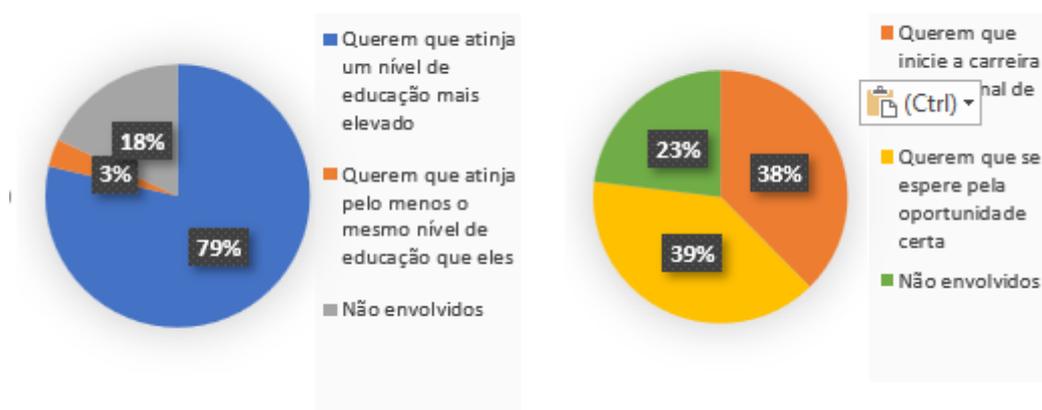
As duas questões seguintes estão relacionadas com as expetativas do agregado familiar dos inquiridos, tanto em assuntos relativos à educação tanto como em arranjar um emprego.

Enquanto em termos de educação, pode-se comprovar que cerca de 78,6%, dizem que os seus agregados familiares querem que atinjam um nível de educação mais elevado. Apenas quatro dos inquiridos responderam que o seu agregado espera que atinjam os mesmos níveis de qualificações que eles (agregado). Por fim 17,9% do total da amostra refere que o seu agregado familiar não está envolvido nos seus percursos escolares.

No que respeita às expetativas do agregado familiar no inquirido arranjar um emprego, as respostas foram equilibradas. Enquanto 46 dos participantes (39,3%) dizem que os seus agregados

familiares querem que espere pela oportunidade de emprego certa, 44 jovens (37,6) responderam que as expectativas das suas famílias é de que iniciem a carreira profissional de imediato. Por sua vez, existe um elevado número de inquiridos que revela a não envolvência das famílias neste tópico sobre a sua empregabilidade.

**Figura 30-Expectativas do agregado familiar, relativos à educação e a arranjar um emprego**

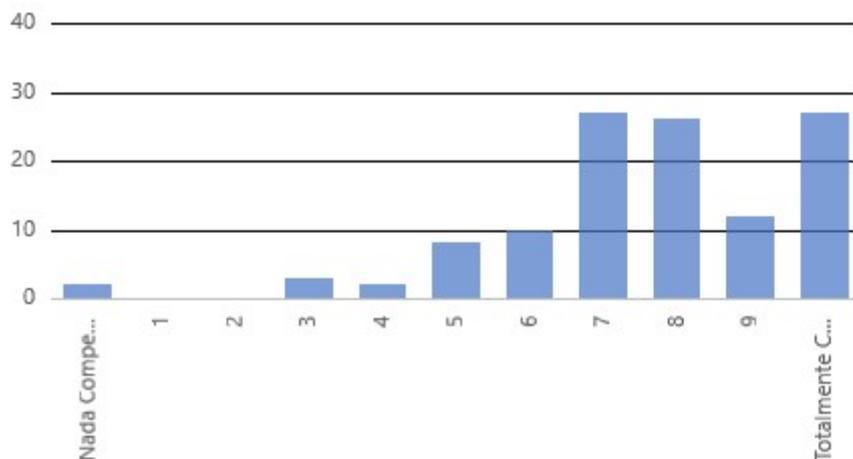


Fonte: Elaboração Própria

A última categoria a ser explorada com as perguntas efetuadas, é uma categoria relacionada com a confiança dos Jovens ao nível dos seus conhecimentos e capacidades, com as projeções para o futuro, com a envolvente social e política bem como a participação destes jovens em programas de voluntariado.

Com a primeira questão, o objetivo era medir o grau de competências que os inquiridos possuem, para dar resposta às necessidades das empresas.

**Figura 31-Competências adequadas para dar resposta às necessidades das empresas, de acordo com o nível de escolaridade dos inquiridos**



**Fonte: Elaboração Própria**

A partir da atribuição de graus de intensidade entre 0 (“nada competente”) e 10 (“totalmente competente”) os jovens que preencheram o questionário denotam alguma confiança para dar resposta às necessidades das empresas de acordo com os seus níveis de qualificação. Isto porque a grande maioria (110 respostas), respondeu entre os 5 e os 10 graus de intensidade que reflete a sua opinião sobre as suas próprias competências para responder às necessidades das empresas. À pergunta feita acerca de qual a previsão, num espaço de um ano, dos inquiridos, dadas as suas situações académicas, económicas e sociais, as respostas mostraram atitudes positivas.

**Figura 32- Previsão do futuro dos inquiridos, no espaço de um ano, dadas as situações académicas, económicas e sociais.**



**Fonte: Elaboração própria**

No que respeita às previsões feitas pelos inquiridos para o espaço temporal de um ano, é perceptível aquilo que a maioria espera do seu futuro. A reintegração no mercado de trabalho, tornarem-se em trabalhadores estáveis com benefícios e perspectivas de emprego a longo prazo, a continuação dos estudos ou o seu término e o facto de virem a viver sozinhos no futuro foram as previsões que os participantes têm a certeza de que se irão concretizar. Por sua vez, estar desempregado é algo que a maioria prevê que não aconteça, bem como e de forma contraditória, continuar os seus estudos ou dar-lhes continuidade.

As duas questões seguintes do questionário pretendiam perceber um pouco o círculo que envolvia a vida dos inquiridos pelos seus amigos e colegas.

A primeira consistia em saber quantos dos amigos dos inquiridos estariam empregados, desempregados, tinham o seu próprio negócio e se estavam no Sistema de Ensino ou em formação.

**Tabela 3.- Situação do grupo de amigos dos inquiridos.**

	Nenhum	Poucos	Alguns	Muitos	Todos
<b>Empregados</b>	1	23	46	38	9
<b>Desempregados</b>	20	51	36	10	0
<b>Têm o seu próprio negócio</b>	73	41	2	1	0
<b>Estão no Sistema de Ensino ou em Formação</b>	5	24	45	42	1

**Fonte: Elaboração Própria**

De seguida perguntámos o mesmo, mas sobre os seus colegas de formação/curso.

As respostas não divergiram muito da tabela anterior, a não ser o facto de os valores na resposta dos colegas que estão no Sistema de Ensino ou em formação serem superiores nas secções de “muitos” e “todos”, devido provavelmente aos inquiridos mais jovens que ainda se encontram neste ciclo e, portanto, a maior parte das pessoas que os rodeiam estão na mesma situação.

**Tabela 4- Situação do grupo de colegas de formação dos inquiridos.**

	Nenhum	Poucos	Alguns	Muitos	Todos
<b>Empregados</b>	7	31	39	36	4
<b>Desempregados</b>	21	49	34	11	2
<b>Têm o seu próprio negócio</b>	71	39	6	1	0
<b>Estão no Sistema de Ensino ou em Formação</b>	7	23	42	34	11

**Fonte: Elaboração Própria**

Quase a terminar, foi questionado aos jovens se estes estavam envolvidos em programas de voluntariado, organizações ambientais, clubes desportivos ou organizações culturais.

**Figura 33-Participação dos inquiridos em programas de voluntariado, organizações ambientais, clubes desportivos ou organizações culturais**



**Fonte: Elaboração Própria**

Dos 25% da amostra total, cerca de 29 inquiridos estão envolvidos em algum tipo de programa ou inseridos em alguma organização. Com os resultados obtidos podemos comprovar que a maioria dos que responderam “sim” estão envolvidos em programas de voluntariado de cariz social contando com 16 respostas. De seguida 7 responderam estar integrados em organizações Culturais e Religiosas. Apenas 4 destes jovens fazem parte de um clube desportivo e somente 2 estão envolvidos em organizações de cariz ambiental.

Com o fim do questionário, a última questão a ser analisada consistia em medir o grau de confiança, dos participantes, na maioria das pessoas que os rodeiam. Foi pedido aos participantes que enumerassem de, 1 a 10, sendo que 1 é nada confiável e 10 totalmente confiável.

**Figura 34-Grau de intensidade do nível de confiança que os inquiridos possuem na sociedade envolvente.**



**Fonte: Elaboração Própria**

A partir da figura 34, observamos que a maioria da amostra não sente confiança total na sociedade onde estão inseridos. O grau mais selecionado foi o 5 com 29 respostas, a seguir o grau 6, 7 e 8 com 24, 21 e 13 respostas respetivamente, o que demonstra um equilíbrio entre o “nada confiável” e o “totalmente confiável”. Dos 117 inquiridos, 4 revelam não ter qualquer confiança na sociedade e 3 total confiança na mesma.

## **5. Capítulo 5: Índice de risco associado ao status NEET**

À medida que os formuladores de políticas na Europa têm cada vez mais debatido estratégias para reduzir a proporção de jovens NEET's na população, tornou-se claro que responder ao desafio, ou mesmo a aspetos específicos dele, exige levar em conta as condições heterogêneas dos NEET's e os múltiplos fatores dos status NEET (Caroleo et al, 2020).

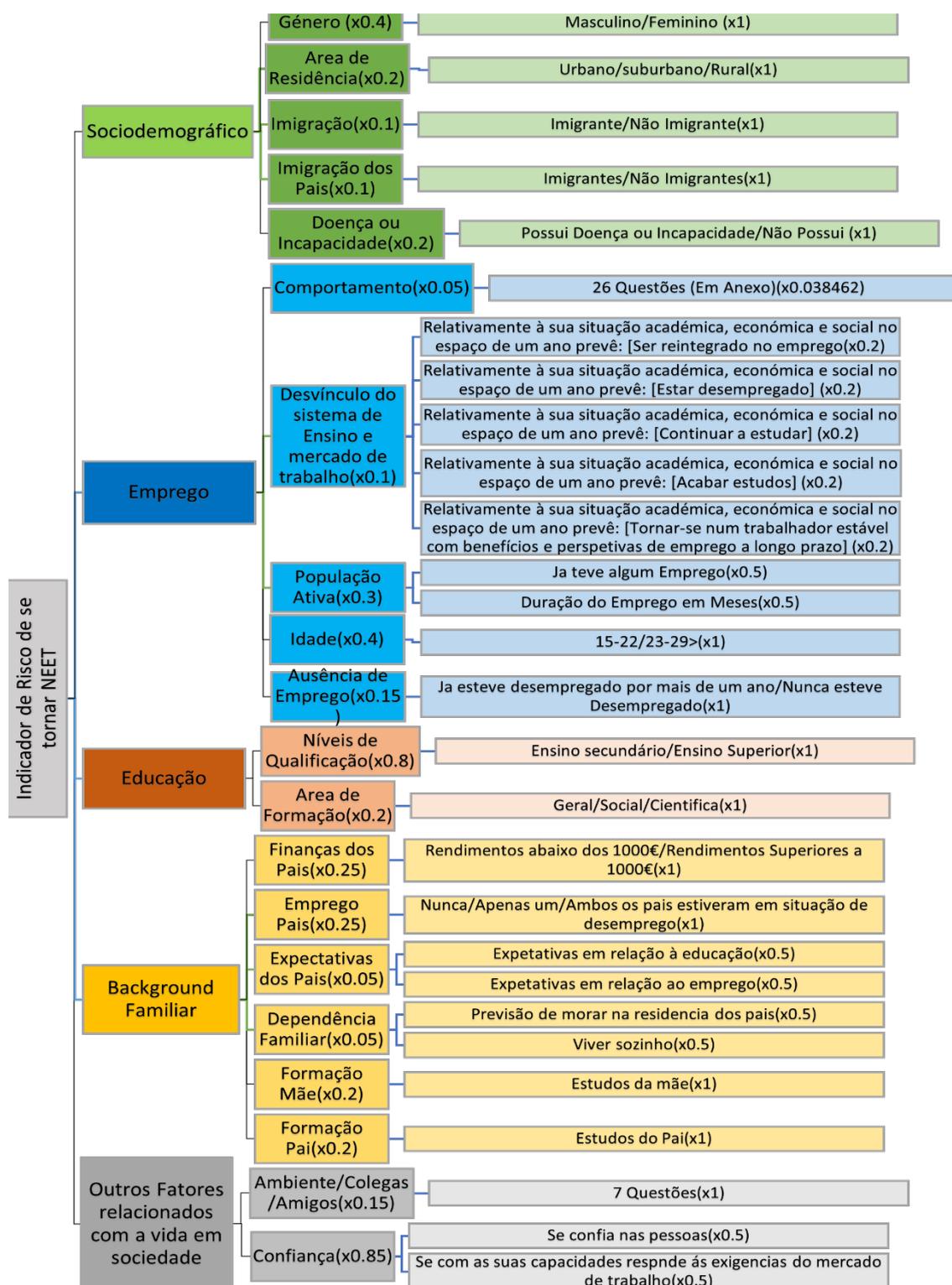
Neste capítulo, é proposto um Índice de risco associado ao status NEET. Este índice procura dar indicação sobre a possibilidade de um determinado individuo se tornar NEET, tendo em conta os determinantes apontados na literatura (mencionada em capítulos anteriores).

### **5.1. Proposta de um Índice de risco associado ao status NEET**

Para a criação deste índice, foram cruzados os dados obtidos para que se refletissem as cinco grandes categorias do status NEET: Categoria Sociodemográfica, Categoria da Educação, Categoria de Emprego, Categoria de Background Familiar e a Categoria de Outros Fatores de risco. Esta divisão tem por base a definição e toda a contextualização da definição do conceito de NEET anteriormente analisado na revisão de literatura, sendo fortemente influenciada pela perspectiva europeia. A Eurofound é pioneira neste tipo de dados e de análise, avançando com indicadores especialmente direcionados para os NEET, onde existe uma divisão do conceito semelhante à usada neste estudo.

Após tratamento dos dados podemos constatar que alguns dos factos da revisão bibliográfica se constatarem na nossa amostra. Neste tratamento, com a ajuda da ferramenta de Excel, o Índice de Risco foi subdividido por 5 grandes categorias, descritas nos anteriores capítulos, sendo que todas elas com o mesmo valor (0.2). Dentro de cada uma dessas categorias encontram-se as subcategorias e cada uma com ponderações e pesos diferentes na nossa análise, de acordo com a relevância que é demonstrada na bibliografia acerca do tema. Por fim, correspondendo cada uma delas a cada subcategoria temos as perguntas elaboradas para o questionário. Estas foram agrupadas por subcategoria e de acordo com a quantidade de perguntas em cada atribuímos o seu valor, como podemos comprovar na Figura 35.

Figura 35. Cronograma explicativo da ponderação das categorias, subcategorias e questões do inquérito elaborado.



Fonte: Elaboração Própria

A categoria Educação apresenta o maior resultado do índice de Risco de se tornar num jovem NEET (0,2). Por sua vez, as Categorias Sociodemográfica, de Educação e Outros apresenta o

resultado mais baixo do índice (0,00). Tal como é evidente pela análise da tabela 5, a média de resultados do índice varia pouco, talvez explicado por grande maioria da amostra se encontrar na mesma situação/contexto (grande parte são estudantes universitários) como maior valor para a Categoria Background Familiar de 0,091 nunca ultrapassando o 0,1, e o desvio-padrão apresenta-se como sendo sempre inferior a 0.07.

**Tabela 5 Estatística Descritiva- Risco NEET de cada categoria na amostra (elaboração própria)**

	<b>Categoria Sociodemográfica</b>	<b>Categoria Emprego</b>	<b>Categoria Educação</b>	<b>Categoria Background Familiar</b>	<b>Categoria Outros</b>
<b>Média</b>	0,042	0,065	0,052	0,091	0,031
<b>Desvio-Padrão</b>	0,046	0,034	0,069	0,050	0,039
<b>Valor Mínimo</b>	0	0,005	0	0,003	0
<b>Valor Máximo</b>	0,160	0,156	0,200	0,192	0,196

**Fonte: Elaboração Própria**

Na sua totalidade, a nossa amostra de 117 inquiridos apresenta uma média de 0,28 do índice de Risco. O valor mínimo apurado é de 0,051, de um inquirido do sexo feminino e com 24 anos de idade, enquanto o valor máximo, de 0.658 que também pertence a um inquirido do mesmo sexo, mas com 25 anos.

**Tabela 6 Índice de Risco de se tornar jovem NEET**

	<b>Índice de risco de se tornar num jovem NEET</b>
<b>Média</b>	0,281
<b>Desvio-Padrão</b>	0,125
<b>Valor Mínimo</b>	0,051
<b>Valor Máximo</b>	0,658

**Fonte: Elaboração Própria**

### **5.1.1. Categoria Sociodemográfica**

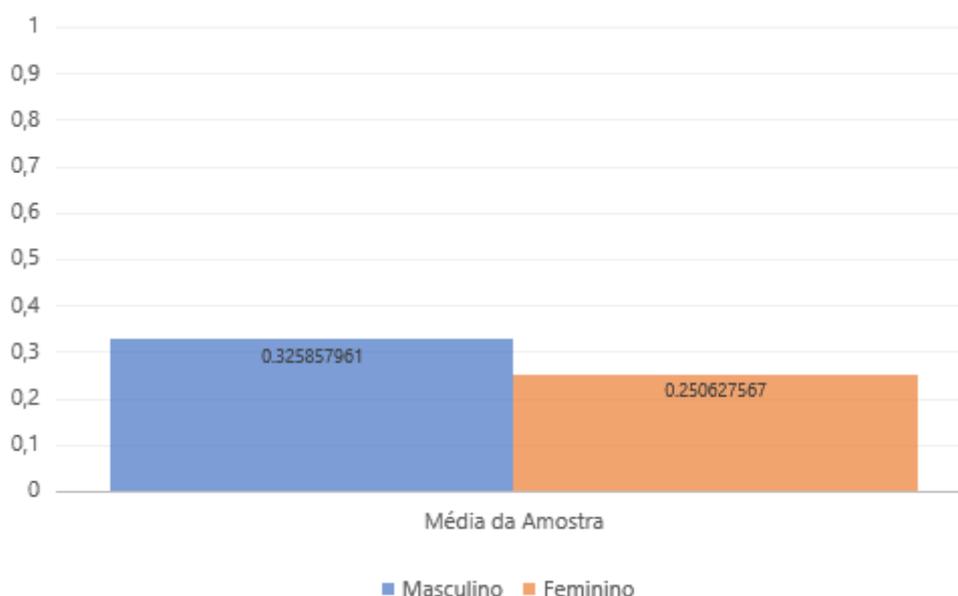
Tal como já foi referido, os fatores sociodemográficos estão relacionados com fatores de natureza pessoal. Em concordância com o que inquirimos no questionário, foram agrupadas nesta categoria subcategorias como o género, área de residência, o indicador de imigração e imigração dos pais bem como o indicador de risco de o inquirido ter algum tipo de doença ou incapacidade. Cada uma delas com ponderações diferentes. Os resultados apurados demonstram que a categoria sociodemográfica não é a que tem mais peso na nossa amostra tendo apurado um valor médio de 0.04 valores num total de 1.

Pela sua importância na literatura as duas subcategorias Género e área de residência mereceram destaque nesta análise:

- **Género:**

Nesta subcategoria, onde 70 dos participantes são do sexo feminino e 47 do sexo masculino, observamos que os resultados da nossa amostra diferem daquilo que é maioritariamente referido na literatura. Foi apurado neste inquérito que os inquiridos do sexo masculino têm uma média de risco de se tornar NEET mais elevada do que os do sexo feminino. Para além disso podemos constatar que nesta amostra as mulheres têm valores gerais obtidos no inquérito mais baixos. Quatro inquiridas apresentam valores acima dos 0,5 (onde também se encontra o valor mais elevado também), enquanto no grupo dos homens 6 apresentam valores acima de 0,5.

**Figura 36. Subcategoria Género**



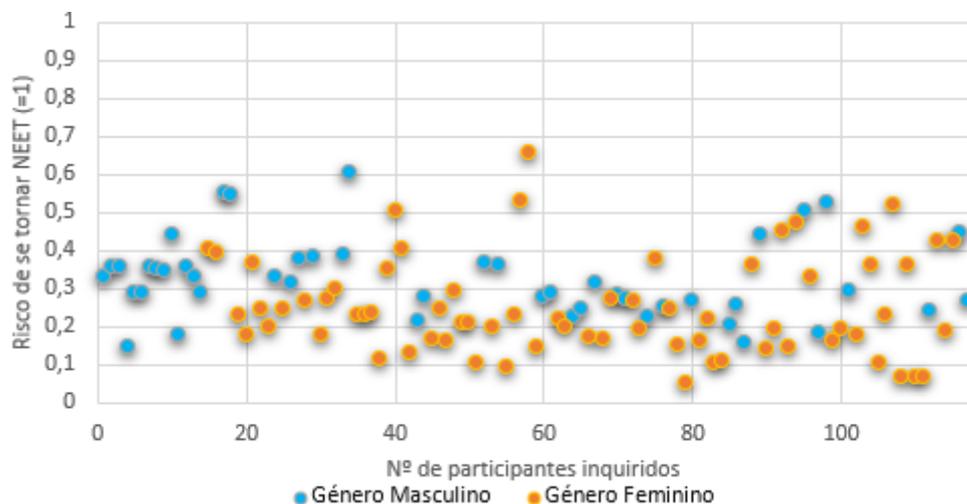
**Fonte: Elaboração Própria**

Considerando que na análise efetuada através de cálculos de Excel as ponderações foram avaliadas entre 0 e 1, diferenciaram-se os valores em dois intervalos em que de 0 a 0,49 valores eram os inquiridos que corriam menos risco de se tornarem NEET's enquanto de 0,5 a 1 valor são os jovens que têm mais propensão a tornarem-se NEET's.

No gráfico de dispersão apresentado conseguimos visualizar que em média os valores calculados para os inquiridos do sexo feminino são mais baixos em comparação com os valores obtidos dos inquiridos do sexo masculino. No entanto, o participante com a pontuação mais alta, ou seja, com maiores possibilidades de se vir a tornar num jovem NEET é um participante do género feminino

com 0,66 valores num total de 1. Contudo também é atribuída a um inquirido do sexo feminino a pontuação mais baixa da amostra, com 0,05 no total de 1.

**Figura 37. Mapa de dispersão por género**

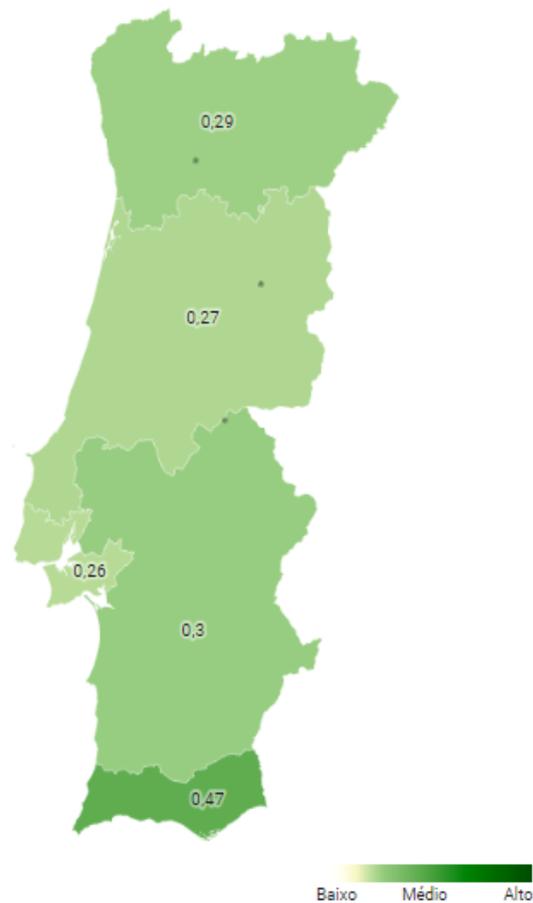


**Fonte Elaboração Própria**

- **Área de Residência**

Nesta subcategoria os inquiridos foram agrupados por NUTS II. À exceção das Regiões Autónomas da Madeira e Açores (por não existirem dados em análise) os participantes foram distribuídos pelas suas respetivas NUTS das suas áreas de residência, o que nos permitiu ter uma visão mais abrangente dos resultados que foram obtidos. Com 62 jovens a residir na Zona Norte do país obtivemos uma média de incorrer no risco de se tornar NEET de 0,29 valores em 1. Já na zona Centro do país, com 45 inquiridos, obtivemos o valor de 0,27 o que representa a segunda média mais baixa da amostra. De seguida, na Área Metropolitana de Lisboa, com 6 elementos, tem a média de risco de se tornar NEET mais baixa, com 0,26 valores de 1. Com apenas um inquirido em cada uma das seguintes NUTS do Alentejo e Algarve, surgem as médias de um jovem se tornar NEET mais elevadas com 0,3 e 0,47 respetivamente.

**Figura 38. Subcategoria Área de Residência**



**Fonte: Elaboração Própria**

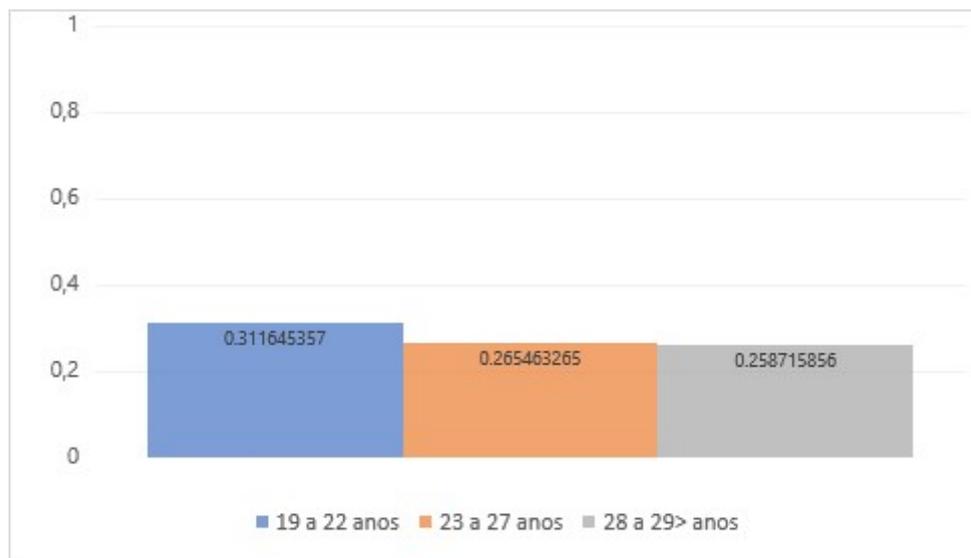
### **5.1.2. Categoria Emprego**

Na categoria emprego foram agrupadas as Subcategorias do Comportamento onde são questões relativas à forma e intensidade de cada indivíduo na procura de um emprego. Como esta subcategoria engloba 26 perguntas a sua ponderação é mais baixa, tendo um valor de 0,05 dentro da categoria do emprego. De seguida temos a categoria do Desvinculo do sistema de Ensino e expectativas para o futuro onde os inquiridos respondem de acordo com as suas previsões dentro de um ano. É uma subcategoria com 5 questões que valem 0,2 valores cada e a subcategoria tem um valor de 0,1 dentro da categoria de Emprego.

A População ativa é outra subcategoria avaliada apenas com uma questão relativa à situação de emprego de cada jovem. Sendo esta bastante relevante, tem uma ponderação maior, valendo 0,3 valores dentro da categoria geral. Tal como esta, a Ausência temporal de emprego, ou seja, se os inquiridos se encontram desempregados, é significativa de acordo com a literatura e, portanto, foi-lhe atribuído o valor de 0,15 de 1.

Por fim, a subcategoria Idade (entre idade atual e fim do último grau atingido), entra nesta categoria pois no cruzamento de dados vai demonstrar que jovens estão na fase em que já não estudam e procuram a entrada no mercado de trabalho. Tem uma ponderação de 0,4 no total de 1 da categoria. No gráfico é demonstrada também as médias de risco que cada grupo de idades apresenta e como podemos observar os mais novos apresentam índices maiores do que os do grupo etário mais velho.

**Figura 39. Subcategoria Idade**



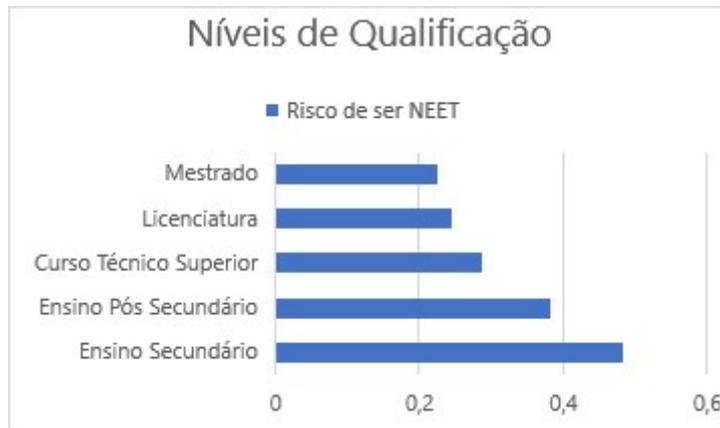
**Fonte: Elaboração Própria**

### **5.1.3. Categoria Educação**

Tal como já foi referido anteriormente, nesta categoria encontram-se dois fatores de risco com alguma significância. A subcategoria Níveis de qualificação, foi avaliada com apenas uma questão e dentro da categoria tem o valor de 0,8 enquanto a subcategoria área de Formação tem uma ponderação de 0,2.

Os resultados tal como na bibliografia demonstram que os jovens com níveis de qualificação inferiores apresentam maior risco de incorrerem no status de NEET.

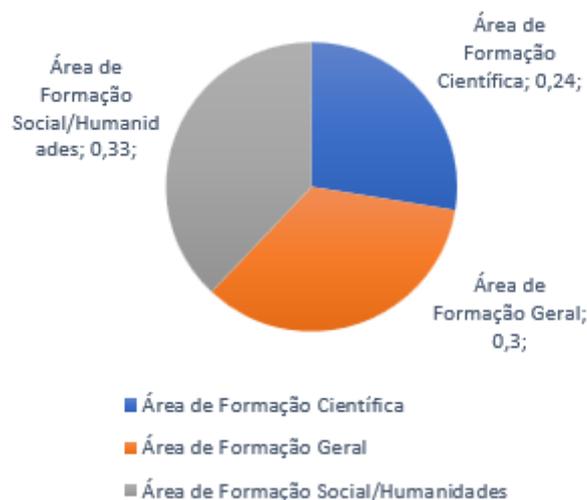
**Figura 40. Subcategoria Níveis de Qualificação**



Fonte: Elaboração Própria

No que diz respeito à área de Formação. Os resultados apurados também vão de encontro com a literatura, uma vez que, e apesar de terem valores muito semelhantes, se denota que quem optou por seguir uma área de formação científica apresenta valores mais baixos de risco de se tornar num jovem NEET.

**Figura 41. Subcategoria Área de Formação**



Fonte: Elaboração Própria

#### **5.1.4. Categoria Background Familiar**

Esta categoria foi de entre todas a que revelou ter maiores pontuações e, portanto, mais peso na pontuação total do risco de cada jovem se vir a tornar NEET.

Dentro desta categoria encontram-se Subcategorias como a situação Financeira e de Emprego dos pais, com uma ponderação de 0,25 cada, onde com uma questão em cada se percebe qual o rendimento dos pais dos inquiridos e se estes já se encontraram alguma vez em situação de desemprego. A formação tanto materna como paterna são outras duas subcategorias com relevância para a análise tendo um valor de 0.2 cada e onde se questiona qual o último grau de escolaridade atingido por cada parente do inquirido. Por fim temos as subcategorias Dependência de Familiares e Expectativas dos Pais onde percebemos qual é a atitude dos jovens em relação à vida com os seus pais e se existe um comportamento de quererem atingir a independência de forma breve ou não, bem como quais as expetativas e envolvimento dos pais tanto nos estudos como na vida profissional de cada inquirido.

No caso do rendimento auferido, os resultados vão de encontro com a literatura. É visível então que quanto mais rendimento os pais dos inquiridos tiverem menos possibilidade existe deste jovens se virem a tornar NEET.

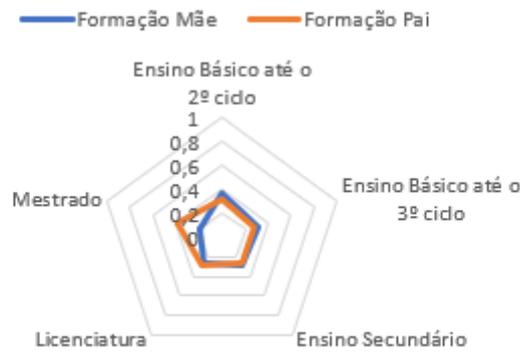
**Figura 42. Subcategoria Rendimento dos Pais**



**Fonte: Elaboração Própria**

No que toca à educação dos parentes, a análise também corrobora com a Revisão bibliográfica, visto que quem tem os pais com graus mais elevados tem um menor risco de se vir a tornar NEET.

Figura 43. Subcategoria formação acadêmica do Pai e Mãe



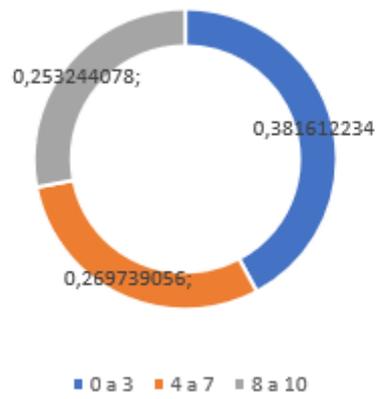
Fonte: Elaboração Própria

### 5.1.5. Categoria Outros Fatores

Nesta categoria damos lugar a dois indicadores de risco que apesar de serem menos expressivos na literatura têm a sua importância e podem ser cruciais na tomada de decisões dos jovens adultos. Dentro desta categoria encontram-se então a subcategoria da Confiança, onde é avaliada a confiança que cada inquirido tem para responder às necessidades do mercado de trabalho e a confiança que deposita na sociedade e meios que o rodeiam. Dentro da categoria o fator Confiança tem uma ponderação de 0,85 no total de 1. Por fim, foi avaliada a subcategoria Ambiente, Colegas e amigos onde foi questionada qual a situação das pessoas que rodeiam os inquiridos, isto porque como sabemos o meio envolvente onde nos encontramos pode determinar as nossas atitudes bem como os nossos objetivos.

Neste caso quem apresenta os maiores níveis de confiança tem menos índice de risco de se vir a tornar um jovem NEET.

**Figura 44. Subcategoria de Confiança em si Próprio**



**Fonte: Elaboração Própria**



## 6. Capítulo 6: Conclusões

Este estudo afigura-se como uma das práticas para o combate ao fenómeno social dos jovens que não estudam e não trabalham graças ao vasto conhecimento e competências disponibilizadas a entidades que formulam as políticas publicas. Pela sua natureza, passamos a ser capazes de compreender de forma eficaz as dinâmicas sociais que caracterizam os territórios, podem-se articular planos de intervenção que visem promover de forma incisiva o bem-estar de todos os segmentos da população - especialmente dos mais desfavorecidos e vulneráveis. Nesta perspetiva, é útil desenvolver reflexões sobre o contributo que as realidades deste setor podem oferecer no planeamento participativo de uma política que permita lançar as bases para o desenvolvimento de um sistema de garantia permanente para jovens, a fim de combater eficazmente o fenómeno social dos jovens NEET.

A complexidade de situações e trajetórias dos jovens requer uma atuação concertada que garanta as necessárias respostas multidimensionais. Tal pressupõe a obrigatoriedade de o trabalho ser desenvolvido numa lógica de parceria, não só entre as instituições que representam o Estado e que assumem o papel do Estado nas políticas públicas em causa, como também um trabalho de parceria com e entre outros parceiros estratégicos com intervenções a diferentes níveis e em diferentes setores.

No nosso caso de estudo, a par de todas as limitações que foram surgindo, tais como, a elaboração e análise de dados muito dispersos e pouco significantes devido á heterogeneidade da nossa amostra, conseguimos resultados que nos mostram que a nossa amostra tem casos de jovens que correm o risco de se tornarem NEETs, no entanto, a nossa amostra é maioritariamente composta por possíveis NEETs descomprometidos que não procuram educação ou emprego e que não são impedidos de fazê-lo por obrigação ou incapacidade mas sim por estarem desencorajados; NEETs que procuram oportunidades composta por jovens empreendedores que estão propositadamente á espera de oportunidades que se adaptem às suas habilidades ou aspirações de longo prazo. A maioria dos participantes da nossa amostra que apresentam valores de risco mais elevado são então considerados NEETs não vulneráveis pois possuem um suporte cultural, social e humano relativamente adequado que, apesar de serem considerados NEET, correm poucos riscos de serem marginalizados.

Portanto, esta capacidade de *networking*, combinada com o know-how variado disponível no que diz respeito à conceção e gestão de intervenções sociais, pode permitir ao governo desempenhar um papel de impulsionador na estruturação participativa de caminhos de inovação social que visem o desenvolvimento de práticas virtuosas gerado por uma atividade de partilha e reconhecimento mútuo entre os diversos *stakeholders* (Delle Cave 2013).

É necessário conseguir ler com eficácia as reais necessidades da população NEET, ativando respostas por meio de *networking*. Esta capacidade de ler as necessidades variadas de um

agregado altamente heterogêneo de assuntos pode ser decisiva para a implementação de estratégias diversificadas, potencializando as múltiplas ferramentas de ativação disponíveis - evitando assim a formulação das soluções unívocas e abrangentes. Isso requer uma atividade de segmentação dos potenciais riscos seja realizada com antecedência com base nas condições de referência heterogêneas, a fim de imaginar estratégias de intervenção diferenciadas de acordo com as características dos diferentes sub-alvos identificados. Esta atividade de decomposição serve também para circunscrever a audiência de quem estaria efetivamente disponível para trabalhar, identificando também aquela parcela minoritária que, por diversos motivos, está afastada do trabalho (Reboani, Sorcioni 2014, p.33).

O desenvolvimento de métodos para intercetar assuntos mais críticos requer uma ação combinada de diferentes atores que possam criar um sistema de informação e conscientização que integre canais formais e informais.

Conforme amplamente destacado anteriormente, basear um programa de intervenção referindo-se exclusivamente a ferramentas de política laboral ativa tradicional, pode não ser suficiente para promover a ativação de NEETs com perfis de risco mais elevados. Na verdade, essas ferramentas podem dar resultados positivos no curto prazo para melhorar a correspondência entre a oferta e a procura de trabalho, removendo essas barreiras com efeito imediato; embora não sejam eficazes para combater esses obstáculos sociais mais profundos e de longo prazo (Baici et al. 2017).

Com os NEET mais desfavorecidos é necessário experimentar intervenções que integrem ferramentas de ativação no trabalho e ferramentas de inclusão social. As instituições sociais - em particular as de colocação profissional - podem ser um espaço privilegiado para a aplicação deste modelo de intervenção, uma vez que possuem conhecimentos úteis para implementar intervenções que aumentem as capacidades dos jovens NEET, fazendo-os crescer profissionalmente e, ao mesmo tempo, gerando relações nas quais assumem um papel ativo e central.

Neste parágrafo final ressalvo a importância de estratégias para a concepção de políticas públicas que sejam mais eficazes, sustentáveis no tempo e inclusivas; capazes, através de uma visão sistêmica, de lançar as bases para o desenvolvimento de um sistema de garantia permanente para os jovens: um sistema em que estes jovens sejam capazes de dar um contributo valioso e decisivo, podendo ser protagonistas de um ecossistema capaz, dentro do qual os podem escapar da condição de NEET e empreender num caminho virtuoso e de sucesso.

## Referências

- Alcoforado, L., Frias, M., Cordeiro, A. R., Fonseca, A. C., & Oliveira, M. (2018). Educação e (não) Trabalho: indagações sobre uma relação sempre controversa, a propósito dos jovens que não estudam nem trabalham. *CADERNOS DE PESQUISA: PENSAMENTO EDUCACIONAL*. [https://doi.org/10.35168/2175-2613.utp.pens\\_ed.2018.vol13.n34.pp38-58](https://doi.org/10.35168/2175-2613.utp.pens_ed.2018.vol13.n34.pp38-58)
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American psychologist*, 55(5), 469.
- Arulampalam, W., Gregg, P., & Gregory, M. (2001). Unemployment scarring. *Economic Journal*. <https://doi.org/10.1111/1468-0297.00663>
- Baici et Al. (2017), Non solo stage: lavoro, inclusione e progetti di comunità in una sperimentazione a Novara, In Alfieri S., Sironi E. (a cura di) (2017), *Una generazione in panchina. Da Neet a risorsa per il paese*, Vita e Pensiero, Milano.
- Bălan, M. (2014). Youth labor market vulnerabilities: characteristics, dimensions and costs. *Procedia Economics and Finance*.
- Bell, D. N. F., & Blanchflower, D. G. (2011). Young people and the great recession. *Oxford Review of Economic Policy*. <https://doi.org/10.1093/oxrep/grr011>
- Benjet, C., Hernández-Montoya, D., Borges, G., Méndez, E., Medina-Mora, M. E., & Aguilar-Gaxiola, S. (2012). Youth who neither study nor work: mental health, education and employment. *salud pública de méxico*, 54, 410-417.
- Bruno, G. S., Marelli, E., & Signorelli, M. (2014). The rise of NEET and youth unemployment in EU regions after the crisis. *Comparative Economic Studies*.
- Burdett, K., & Coles, M. (2010). Wage/tenure contracts with heterogeneous firms. *Journal of Economic Theory*. <https://doi.org/10.1016/j.jet.2010.02.002>
- Bynner, J., & Parsons, S. (2002). Social exclusion and the transition from school to work: The case of young people not in education, employment, or training (NEET). *Journal of Vocational Behavior*. <https://doi.org/10.1006/jvbe.2001.1868>
- Carcillo, S., & KKnigs, S. (2015). NEET Youth in the Aftermath of the Crisis: Challenges and Policies. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2573655>
- Choudhry, M. T., Marelli, E., & Signorelli, M. (2012). Youth unemployment rate and impact of financial crises. *International Journal of Manpower*. <https://doi.org/10.1108/01437721211212538>
- Coles, B., Godfrey, C., Keung, A., Parrott, S., & Bradshaw, J. (2010). Estimating the life-time cost of NEET: 16-18 year olds not in Education, Employment or Training. In *Research undertaken for the audit commission*.

- Côté, J. E. (1996). Sociological perspective on identity formation: *The culture-identity link*. *Journal of Adolescence*, 19, 417–428.
- Darity, W. A., & Goldsmith, A. H. (1996). Social psychology, unemployment and macroeconomics. *Journal of Economic Perspectives*, 10(1), 121-140.
- De Luca, G., Mazzocchi, P., Quintano, C., & Rocca, A. (2018, May). The NEETs during the economic crisis in Italy, Young NEETs in Italy, Spain and Greece during the economic crisis. In *50th Scientific meeting of the Italian Statistical Society*.
- Delle Cave L. (2013), *Forme, dinamiche e reti sussidiarie del terzo settore nella realtà napoletana*, in “*Impresa sociale*” 1(0), gennaio 2013, pp. 38-51.
- Dewson, S., Eccles, J., Tackey, N. D., & Jackson, A. (2000). Guide to measuring soft outcomes and distance travelled. *Institute for Employment Studies, Brighton, UK*.
- Economic And Social Consequences Triggered By The Neet Youth. (2016). *Knowledge Horizons - Economics*.
- EUROFOUND. (2012). NEETs – Young people not in employment, education or training: Characteristics, costs and policy responses in Europe. In *European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions*.
- Eurofound. (2016). *Exploring the diversity of NEETs: Country profiles* (p. 79).
- European Union. (2020). Sustainable Development in the European Union; Monitoring report on progress towards the SDGs in an EU context, 2020 Edition. In *Luxemburg: Publications Office of the European Union*.
- Eurostat. (2012). EU Labour Force Survey Database User Guide. *Eurostat*.
- Fergusson, D. M., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2006). Examining the intergenerational transmission of violence in a New Zealand birth cohort. *Child Abuse and Neglect*. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.10.006>
- Ferreira, T., Pappámikail, L., & Vieira, M. M. (2017). Jovens NEEF: Mudanças e continuidades no pós-crise. *Policy Brief*.
- Follesø, R. (2015). Youth at risk or terms at risk?. *Young*.
- Furlong, A., & Cartmel, F. (2006). *Young people and social change*. McGraw-Hill Education (UK).
- Garrido, J. F., Abal, Y. N., & Rodríguez, J. A. C. (2013). ¿Cuál es el papel de las políticas activas de mercado de trabajo en tiempos de crisis?. *Barataria: revista castellano-manchega de ciencias sociales*.
- Genda, Y. (2007). Jobless youths and the NEET problem in Japan. *Social Science Japan Journal*. <https://doi.org/10.1093/ssjj/jym029>

- Gerdtham, U. G., & Johannesson, M. (2003). A note on the effect of unemployment on mortality. *Journal of Health Economics*. [https://doi.org/10.1016/S0167-6296\(03\)00004-3](https://doi.org/10.1016/S0167-6296(03)00004-3)
- Gregg, P., & Tominey, E. (2005). The wage scar from male youth unemployment. *Labour Economics*. <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2005.05.004>
- Gutiérrez-García, R. A., Benjet, C., Borges, G., Méndez Ríos, E., & Medina-Mora, M. E. (2018). Emerging adults not in education, employment or training (NEET): Socio-demographic characteristics, mental health and reasons for being NEET. *BMC Public Health*. <https://doi.org/10.1186/s12889-018-6103-4>
- Henderson, J. L., Hawke, L. D., & Chaim, G. (2017). Not in employment, education or training: Mental health, substance use, and disengagement in a multi-sectoral sample of service-seeking Canadian youth. *Children and Youth Services Review*. <https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2017.02.024>
- Holte, B. H. (2018). Counting and meeting NEET young people: Methodology, perspective and meaning in research on marginalized youth. *Young*.
- Maguire, S. (2015). NEET, unemployed, inactive or unknown – why does it matter? *Educational Research*. <https://doi.org/10.1080/00131881.2015.1030850>
- Málaga, R., Oré, T., & Tavera, J. (2014). Jóvenes que no trabajan ni estudian: el caso peruano\*/Youth who neither work nor study: The Peruvian case. *Economía*.
- Maloney, T., & Parau, A. (2004). Isolating the scarring effects associated with the economic inactivity of youth in New Zealand: evidence from the Christchurch health and development study. *Report to the Labour Market Policy Group New Zealand Department of Labour, Oakland*.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: adaptação do Questionário de Marcadores da Adultez junto de jovens Portugueses. *Psychologica*.
- Mirza-Davies, J., & Brown, J. (2014). NEET: young people not in education, employment or training. *Economic policy and statistics: Government white paper H-commons UK*.
- Mroz, T. A., & Savage, T. H. (2006). The long-term effects of youth unemployment. *Journal of Human Resources*. <https://doi.org/10.3368/jhr.xli.2.259>
- O'Reilly, J., Smith, M., & Villa, P. (2017). The social reproduction of youth labour market inequalities: the effects of gender, households and ethnicity. *Making work more equal: A new labour market segmentation approach*.
- Pacheco, G., & Dye, J. (2014). Estimating the Cost of Youth Disengagement in New Zealand. *New Zealand Journal of Employment Relations (Online)*.

- Pohl, A., & Walther, A. (2007). Activating the disadvantaged. Variations in addressing youth transitions across Europe. *International Journal of Lifelong Education*.
- Quintano, C., Mazzocchi, P., & Rocca, A. (2018). The determinants of Italian NEETs and the effects of the economic crisis. *Genus*, 74(1), 1-24.
- Quintini, G., & Martin, S. (2014). Same but Different: School-to-work Transitions in Emerging and Advanced Economies. *OECD Social, Employment and Migration Working Papers*.
- Reboani P., Sorcioni M. (2014), *Nel paese dove i Neet crescono*, in "Formiche" 3/90, marzo 2014, pp. 30-33
- Reiko, K. (2006). Youth Employment in Japan's Economic Recession: 'Freeters' and 'NEETs'.
- Robson, K., & Team, M. C. E. (2008, February). Becoming NEET in Europe: A comparison of predictors and later-life outcomes. In *Global Network on Inequality Mini-Conference* (Vol. 22).
- Sachdev, D., Harries, B., & Roberts, T. (2006). Regional and sub-regional variation in NEETs—reasons, remedies and impact. *Learning and Skills Development Agency*.
- Samoilenko, A., & Carter, K. (2015). *Economic outcomes of youth not in education, employment or training (NEET)* (No. 15/01). New Zealand Treasury working paper.
- Schoon, I. (2014). Parental worklessness and the experience of NEET among their offspring. Evidence from the Longitudinal Study of Young People in England (LSYPE). *Longitudinal and Life Course Studies*.
- SHIRASU, M. R., & ARRAES, R. D. A. E. (2020). Avaliação dos custos econômicos associados aos jovens nem-nem no Brasil. *Brazilian Journal of Political Economy*. <https://doi.org/10.1590/0101-31572020-2902>
- Society at a Glance 2014. In *Society at a Glance 2014*. <https://doi.org/10.1787/9789264223332-ko>
- Spielhofer, T., Benton, T., & Evans, K. (2009). Increasing Participation: Understanding Young People who do not Participate in Education or Training at 16 and 17: Department for Children, Schools and Families.
- Statistical Office of the European Communities. (2018). Eurostat Regional Yearbook 2018. *Eurostat Regional Yearbook 2018*.
- Tosun, J., & Shore, J. (2017). The scope of European NEET outreach measures. *Policy Brief V of the CUPESSE Project*.
- Wu, D., & Wu, Z. (2012). Crime, inequality and unemployment in England and Wales. *Applied Economics*. <https://doi.org/10.1080/00036846.2011.581217>

Vancea, M., & Utzet, M. (2018). School-to-work transition: The case of Spanish NEETs. *Journal of Youth Studies*, 21(7), 869-887.



## **Anexos**

### **Inquérito**

Este questionário está enquadrado numa investigação realizada no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Economia da Universidade de Aveiro. Esta investigação visa analisar as características dos potenciais jovens NEET e a relação entre essas características e a possibilidade de um jovem se tornar um NEET.

NEET é um acrónimo para ‘nem em emprego, educação ou formação’, utilizado para referir a situação de muitos jovens, com idades entre os 15 e os 29 anos. O objetivo do conceito NEET é alargar a compreensão do estatuto de vulnerabilidade dos jovens e monitorizar melhor o seu acesso problemático ao mercado de trabalho.

Este questionário direciona-se a jovens adultos com idades compreendidas entre os 18 - 29 anos. Caso esteja enquadrado neste perfil, a sua colaboração terá utilidade no sucesso desta investigação. Por favor, preencha o questionário de forma consciente.

Esta investigação respeita as regras de privacidade dos inquiridos, garantindo a segurança e a confidencialidade das informações recolhidas, em estrito cumprimento com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD).

Os inquiridos têm direito:

- A aceder aos seus dados e a receber informação sobre o processamento dos seus dados pessoais;
- A retificar quaisquer imprecisões sobre os seus dados pessoais durante o período de recolha dos mesmos;
- A eliminar os seus dados pessoais;
- A apresentar reclamação a uma Autoridade de Controlo.

Se pretender agir de acordo com os seus direitos poderá contactar-nos com o seu pedido através do endereço de correio eletrónico [cmpbmp@ua.pt](mailto:cmpbmp@ua.pt).

Tomei conhecimento acerca dos objetivos e propósitos do estudo, bem como da forma como os dados recolhidos serão processados.

### **Situação Socio Demográfica**

#### **1. Género**

Masculino.....	1
Feminino.....	2

#### **2. Idade**

#### **3. Qual a cidade onde reside?**

**4. Qual é o seu estado Civil?**

Solteiro.....	1
Casado .....	2
Divorciado ou separado judicialmente .....	3
Viúvo.....	4

**5. Tem filhos/as?**

Sim.....	1
Não.....	2

**6. Nasceu em Portugal?**

Sim.....	1
Não.....	2

**7. Possui algum tipo de incapacidade ou problema de saúde?**

Doença crónica ou incapacidade física.....	1
Dificuldade de aprendizagem .....	2
Deficiência ou necessidades educativas especiais .....	3
Problemas de saúde mental .....	4
Trajatórias de abuso de drogas e álcool .....	5
Ser um cuidador .....	6
Não.....	7
Outras razões: _____ ...	8

### **Situação de Educação**

#### **1. Qual é o ano ou nível de escolaridade mais elevado que concluiu?**

Ensino Básico – 1.º ciclo (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade)

Ensino Básico – 2.º ciclo (5.º e 6.º anos de escolaridade)

Ensino Básico – 3.º ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade)

Ensino Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade)

Ensino Pós-secundário (cursos de especialização tecnológica não superior)

Ensino Superior – Curso técnico superior profissional

Ensino Superior– Licenciatura

Ensino Superior – Mestrado

Ensino Superior – Doutoramento

#### **2. Qual a sua área de Formação Base?**

Geral .....	1
Humanidades.....	2
Social .....	3
Ciência.....	4
Agrária.....	5
Saúde.....	6

#### **3. Com quantos anos atingiu o último nível de escolaridade que possui?**

#### **4. Qual o nome do curso/formação?**

### **Situação de Emprego**

#### **1. Já teve algum emprego, mesmo que tenha sido ocasional?**

Sim.....	1
Não.....	2

#### **2. Nesse emprego, qual foi a duração do contrato, em meses? (Aproximadamente)**

**3. Já esteve desempregado por mais de um ano?**

Sim..... 1  
Não..... 2

**4. Com que intensidade diria procurar ativamente por um Emprego: (Em que 0 representa Mín. Esforço e 10 o Máx. Esforço)**

**5. O que fez para procurar esse Emprego (resposta múltipla):**

		<b>Si</b>	
		<b>m</b>	<b>Não</b>
1	Contactou o Centro de Emprego? .....	1	2
2	Contactou agências de emprego privadas? .....	1	2
3	Contactou entidades patronais diretamente? .....	1	2
4	Contactou pessoas conhecidas ou associações sindicais? .....	1	2
5	Colocou ou respondeu a anúncios? .....	1	2
6	Analisou anúncios de oferta de emprego? .....	1	2
7	Participou em concursos, entrevistas ou testes de seleção? .....	1	2
8	Procurou terrenos, instalações ou equipamentos? .....	1	2
9	Procurou obter autorizações, licenças ou recursos financeiros? .....	1	2
10	Está à espera de resultados de uma candidatura? .....	1	2
11	Está à espera de um contacto do Centro de Emprego? .....	1	2
12	Está à espera de resultados de um concurso para o Setor Público? .....	1	2

**5. Participou em algum programa de estágio profissional?**

Sim..... 1  
Não..... 2

**6. Porque razão não procurou um Emprego? (resposta múltipla)**

Já encontrou um trabalho.....	1
Aguarda ser reintegrado no emprego.....	2
Doença ou incapacidade.....	3
Necessidade de cuidar de crianças/ pessoas incapacitadas/idosos .....	4
Outras razões pessoais ou familiares (p. ex.: responsabilidades domésticas).....	5
Está a estudar ou em formação (inclui férias escolares) .....	6
Considera que não há empregos disponíveis.....	7
Considera-se muito jovem.....	8
Considera-se muito velho.....	9
Não tem instrução suficiente.....	10
Não sabe como procurar .....	11
Não vale a pena procurar .....	12
Outras razões: _____	13

**Background Familiar**

**1. Qual o estado civil dos seus pais?**

Solteiros .....	1
Casados .....	2
Divorciados ou separados judicialmente .....	3
Viúvo .....	4

**2. Os meus pais são...**

Ambos Nascidos em Portugal .....	1
Apenas um nascido em Portugal .....	2
Ambos emigrantes .....	3

**3. Qual é o ano ou o nível de escolaridade do seus Pai e Mãe?**

	Pai	Mãe
Ensino Básico – 1.º ciclo (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade).....	1	
Ensino Básico – 2.º ciclo (5.º e 6.º anos de escolaridade) .....	2	
Ensino Básico – 3.º ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade) .....	3	
Ensino Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade) .....	4	
Ensino Pós-secundário (cursos de especialização tecnológica não superior) ...	5	
Ensino Superior – Curso técnico superior profissional .....	6	
Ensino Superior – Licenciatura .....	7	
Ensino Superior – Mestrado .....	8	
Ensino Superior – Doutoramento .....	9	

**4. Qual é o ano ou o nível de escolaridade da sua Mãe?**

Ensino Básico – 1.º ciclo (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade) .....	1
Ensino Básico – 2.º ciclo (5.º e 6.º anos de escolaridade) .....	2
Ensino Básico – 3.º ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade) .....	3
Ensino Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade) .....	4
Ensino Pós-secundário (cursos de especialização tecnológica não superior) .....	5
Ensino Superior – Curso técnico superior profissional .....	6
Ensino Superior – Licenciatura .....	7
Ensino Superior – Mestrado .....	8
Ensino Superior – Doutoramento .....	9

**5. Qual o rendimento mensal total do seu agregado familiar??**

- Menos de 500€.....
- Entre 501€ e 1000€.....
- Entre 1001€ e 2000€.....
- Entre 2001€ e 4000€
- Mais de 4000€

**6. Algum dos seus pais experienciou a situação de desemprego? (Desde os seus 15 anos)**

Ambos já se encontraram desempregados .....	1
Pelo menos um (pai/mãe) já esteve desempregado .....	2
Ambos estiveram sempre empregados .....	3

**7. Quais as Expetativas dos seus pais em relação à sua educação?**

Não envolvidos .....	1
Querem que atinja pelo menos o mesmo nível de educação que eles .....	2
Querem que atinja um nível de educação mais elevado.....	3

**8. Quais as expetativas dos seus pais em relação a que arranje um emprego?**

Não envolvidos .....	1
Querem que inicie a sua carreira profissional de imediato.....	2
Querem que espere pela oportunidade de emprego adequada.....	3
Consideram-no muito jovem para trabalhar .....	4

**Fatores relacionados com a confiança na Sociedade**

**1. De acordo com o teu nível de escolaridade, numa escala de 0 a 10 acreditas ter competências adequadas para dar resposta às necessidades das empresas? (0 nada competente e 10 muito competente)**

**2. Como prevê estar a sua situação académica, económica e social no espaço de um ano? (Resposta múltipla)**

Aguarda ser reintegrado no emprego .....	1
Tornar-se num trabalhador estável com benefícios e perspetivas de emprego a longo prazo	2
Estar desempregado.....	3
Continuar a estudar.....	4
Acabar estudos .....	5
Viver na residência dos pais.....	6
Viver sozinho.....	7

**3. Quantos amigos seus estão...?**

	<b>Alguns</b>	<b>Muitos</b>	<b>Todos</b>
1 Empregados? .....			
2 Desempregados? .....			
3 Têm o seu próprio negócio?.....			
4 Estão no sistema de ensino ou em formação? ...			

**4. Quantos colegas de formação/curso seus estão ...?**

	<b>Alguns</b>	<b>Muitos</b>	<b>Todos</b>
1 Empregados? .....			
2 Desempregados? .....			
3 Têm o seu próprio negócio?.....			
4 Estão no sistema de ensino ou em formação? ...			

**5. Está envolvido em programas de Voluntariado, organizações ambientais, clubes desportivos ou organizações culturais?**

Sim. Qual? .....

Não .....

**6. Num grau de 0 (nada confiável) a 10 (totalmente confiável) Diria que a maioria das pessoas é confiável?**

